



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA IZABEL MEDEIROS FERNANDES CAVALCANTI

CASA DAS ARTES: Centro Cultural e de Desenvolvimento Artístico
para a cidade de São João do Sabugi - RN

PAU DOS FERROS-RN

2023

Maria Izabel Medeiros Fernandes Cavalcanti

CASA DAS ARTES: Centro Cultural e de Desenvolvimento Artístico
para a cidade de São João do Sabugi - RN

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador TCC: Prof. Dr. Gabriel
Leopoldino Paulo de Medeiros

PAU DOS FERROS-RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

C377c Cavalcanti, Maria Izabel Medeiros Fernandes .
CASA DAS ARTES: Centro Cultural e de
Desenvolvimento Artístico para a cidade de São
João do Sabugi - RN / Maria Izabel Medeiros
Fernandes Cavalcanti. - 2023.
92 f. : il.

Orientador: Gabriel Leopoldino Paulo de
Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2023.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Equipamento
Urbano. 3. Centro Cultural. 4. Design Biofílico.
I. Medeiros, Gabriel Leopoldino Paulo de ,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Maria Izabel Medeiros Fernandes Cavalcanti

CASA DAS ARTES: Centro Cultural e de Desenvolvimento Artístico
para a cidade de São João do Sabugi - RN

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 11 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros (UFERSA)
Presidente

Prof. Dr. Antônio Carlos Leite Barbosa (UFERSA)
Membro Examinador

Profa. Dra. Rafaela Santana Balbi (UFERSA)
Membro Examinador

A Dinho (In Memoriam).

Aos meus pais, e a minha irmã. (presentes)

AGRADECIMENTOS

Alcançar um objetivo com êxito requer, dentre outros fatores, o enfrentamento de vários obstáculos. Por isso gostaria de expressar minha profunda gratidão por todo o apoio e amor que recebi ao longo dessa jornada. Esta conquista não teria sido possível sem a graça de Deus e o apoio inabalável de pessoas incríveis que estiveram ao meu lado.

A Deus dedico a minha eterna gratidão por ter me enviado à uma vida terrena boa, com uma família amorosa e amigos que fazem cada momento valer a pena; por me guiar e me dar luz durante esse percurso. A minha Mãezinha do Céu, agradeço por sempre ouvir minhas preces e interceder por mim a Deus. Tudo o que conquistei foi graças a Eles, que nos amam e nos protegem.

Minha mãe Nadiege, meu pai Binha e minha irmã Isis, quero que saibam que sou imensamente grata por sermos família. O amor, incentivo e sacrifícios que fizeram ao longo dos anos moldaram quem sou hoje. Sua fé em mim nunca vacilou, e cada vitória que alcanço é uma celebração do apoio que vocês me deram. Isis, obrigada por me inspirar, servir de exemplo e principalmente por estar ao meu lado, segurando na minha mão, nesse e em outros momentos tão difíceis que quase me fizeram desistir; tenho certeza de que sem você, eu nada seria.

Ao meu orientador, que me acolheu e não apenas me instruiu, mas também me motivou e fomentou minha admiração à arquitetura desde o início do curso, expressei minha sincera gratidão. Suas orientações, paciência e encorajamento foram cruciais no decorrer deste trabalho, você me deu confiança e me fez acreditar que eu conseguiria.

Quero dedicar também um pensamento especial ao meu tio Eudes, que tanto sonhou este momento comigo, porém infelizmente nos deixou antes de ver este dia. Seu espírito e amor sempre foram uma fonte de inspiração para mim. Ele me proporcionou momentos marcantes, me amparou nas dificuldades e compartilhou comigo sonhos e aspirações, e mesmo em sua ausência física, sinto seu legado de amor me guiando. Eu o amarei para sempre e essa conquista também é uma homenagem a ele.

Aos meus familiares próximos, que por serem muitos torna-se difícil citar nomes, agradeço por estarem sempre presentes em minha vida, me incentivando, me dando apoio e celebrando comigo minhas conquistas. Dentre estes, cito apenas meu tio Zacarias, que inspirou a minha escolha por esse tema e a ver o mundo e a

arte com olhos de fascínio. Sua criatividade e dedicação são fontes de luz para uma arte que além de bela, provoca senso em quem a presencia.

Não poderia deixar de agradecer aqueles que entraram na minha trilha e passaram a caminhar comigo, tornando a minha jornada mais leve e prestando apoio sempre que necessito: meus amigos. Dentre vários nomes importantes, cito os dois do meu “Trio de Três”: Juh e Carlos, que estão sempre fortalecendo minha energia com suas palavras, risadas e devaneios, a qual me ajuda a continuar. Além destes, também cito meus amigos do curso: Raquel e Lara, que formam as melhores parceiras com quem posso contar e me proporcionaram momentos memoráveis durante a graduação; também Kelvin, Érika, Berg, Carol, Karol, Gleice, Ruth e Germano que me acolheram em seus corações e casas, e propiciaram boas lembranças na trajetória da graduação.

Mais uma vez, obrigado a todos por fazerem parte da minha jornada. Cada um de vocês desempenham um papel fundamental para mim, e sou verdadeiramente grata por ter todos vocês na minha vida.

A arte transforma, inspira, representa,
fascina e acima de tudo ensina.

RESUMO

O presente trabalho foi pautado no âmbito de desenvolvimento de estudo preliminar arquitetônico, debruçando-se na necessidade de um lugar físico que sedie a produção e as atividades da população artística e artesã da cidade de São João do Sabugi, localizada no interior do Rio Grande do Norte. O desenvolvimento da proposta se baseou em premissas de metodologias projetuais e no estudo técnicas referenciadas em projetos desenvolvidos para outros centros culturais e artísticos. Essa necessidade foi amparada pelos conceitos de identidade e memória, explanados no decorrer do texto. Além disso, foram abordados e aplicados na concepção do projeto os parâmetros advindos do regionalismo crítico e design biofílico, com a finalidade de trazer sustentabilidade e distinção, bem como caracterizá-lo de acordo com a região do seridó potiguar, onde se insere. Por fim, foi proposto a nível de estudo preliminar uma edificação que abriga as necessidades artísticas e culturais da cidade, trabalhando da melhor forma os conceitos aprendidos durante o curso.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo, Equipamento Urbano, Centro Cultural, Design Biofílico.

ABSTRACT

The present work has been framed within the scope of preliminary architectural development, focusing on the need for a physical space to accommodate the production and activities of the artistic and artisanal population of the city of São João do Sabugi, located in the interior of Rio Grande do Norte. The development of the proposal was based on principles of design methodologies and the study of techniques referenced in projects developed for other cultural and artistic centers. This need was supported by the concepts of identity and memory, which were explained throughout the text. Furthermore, the parameters derived from critical regionalism and biophilic design were addressed and applied in the project's conception, with the purpose of bringing sustainability and distinctiveness, as well as characterizing it according to the region of Seridó Potiguar, where it is situated. Finally, at the preliminary study level, a building was proposed to accommodate the artistic and cultural needs of the city, effectively incorporating the concepts learned during the course.

Keywords: Architecture and Urbanism, Urban Equipment, Cultural Center, Biophilic Design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lei de legitimação da Terra das Artes.....	13
Figura 2 - Exemplo de arquitetura com <i>design</i> biofílico.....	24
Figura 3 - Exemplo de <i>design</i> biofílico.	25
Figura 4 - Detalhes de <i>design</i> biofílico.	25
Figura 5 - <i>Torres del Parque</i> e o regionalismo crítico.....	26
Figura 6 – Regionalismo crítico no Campus da Universidade do Amazonas.	27
Figura 7 - Identificação da cidade no mapa.....	28
Figura 8 - Filarmônica Honório Maciel.....	30
Figura 9 - Cantoria de viola por Zé de Lera e Israel Medeiros.	30
Figura 10 - Grupo de Teatro Valmira Moraes.	31
Figura 11 - Grupo de Xaxado sabugiense.....	32
Figura 12 – Pinturas e esculturas produzidas pelo artista Zacarias.	33
Figura 13 - Terreno no mapa.....	34
Figura 14 - Vista aérea e a nível dos olhos no terreno.	34
Figura 15 - Paisagem do entorno do terreno.....	35
Figura 16 - Zona bioclimática do sítio.....	36
Figura 17 - Carta Solar de São João do Sabugi.....	39
Figura 18 - Condições naturais no terreno.	39
Figura 19 - Centro Cultural de Curitiba.....	42
Figura 20 - Plantas baixas do Centro Cultural de Curitiba.	42
Figura 21 - Detalhamento da cobertura com esquemas de solução para controle de temperatura do Centro Cultural de Curitiba.....	43
Figura 22 - Vista interna do Centro Cultural de Curitiba.	44
Figura 23 - Vista do jogo de volumes do Centro Cultural de Curitiba.....	44
Figura 24 - SESC Pompéia.	45
Figura 25 - Planta nível 1 do SESC Pompéia.....	46
Figura 26 - Espaços de Convivência no SESC Pompéia.	47
Figura 27 - Aberturas zenitais no SESC Pompéia.....	48
Figura 28 - Fachada do Memorial da Cultura Cearense no Centro Dragão do Mar.	49
Figura 29 - Jardim no Dragão do Mar.	50
Figura 30 - Passarela Dragão do Mar.	50
Figura 31 - Vista interior da passarela metálica.	51
Figura 32 - Imagem interna do Restaurante Camarões	52
Figura 33 - Detalhes do Restaurante Camarões.....	53
Figura 34 - Zoneamento 1.....	67
Figura 35 - Zoneamento 2.....	68
Figura 36 - Primeira Volumetria, vista 1.	68
Figura 37 - Primeira volumetria, vista 2.....	69
Figura 38 - Segunda Volumetria.....	69
Figura 39 - Planta do pavimento superior.	71
Figura 40 - Planta do pavimento inferior.	72
Figura 41 - Corte transversal.....	73
Figura 42 - Corte longitudinal.	73
Figura 43 - Exemplo de estratégia de teto jardim.....	74
Figura 44 - Exemplo de estratégia de sombreamento.....	75
Figura 45 - Casa das Artes - Perspectivas.....	77
Figura 46 - Casa das Artes - Perspectiva externa.....	78
Figura 47 - Casa das Artes - Perspectiva externa lateral.	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico de temperatura e zona de conforto.	36
Gráfico 2 - Gráfico de chuvas.....	37
Gráfico 3 - Rosa dos Ventos	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro síntese das referências projetuais	54
Quadro 2 - Quadro de prescrições urbanísticas do Código de Obras.....	57
Quadro 3 - Diretrizes de Acessibilidade.	58
Quadro 4 - Classificação das cargas e riscos de acordo com os usos.	62
Quadro 5 - Exigências do CBRN de acordo com o grupo de	62
Quadro 6 - Capacidade de Unidade de Passagem (UP), de acordo com a	63
Quadro 7 - Dimensionamento de ambientes.	65
Quadro 8 - Áreas e índices urbanísticos.	76

SUMÁRIO

PRIMEIRO ATO: A ABERTURA:	13
SEGUNTO ATO: REFERENCIAL DE ROTEIRO:	20
2.1 Uma abordagem de Arte, Memória, Cultura e Identidade	20
2.2 Abordagem de Projeto	23
TERCEIRO ATO: O CENÁRIO	28
3.1 Contextualização Histórica	28
3.2 Condicionantes Físicas do Terreno	33
3.3 Estudo Bioclimático	35
QUARTO ATO: A PROPOSTA	41
4.1 Referencial Projetual	41
4.1.1 Centro Cultural de Curitiba	41
4.1.2 Sesc Pompeia	45
4.1.3 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	48
4.1.4 Camarões	51
4.1.5 Síntese das Referências	53
4.2 Legislações	54
4.2.1 Plano Diretor	54
4.2.2 Código de Obras	55
4.2.3 Acessibilidade	58
4.2.4 Normas de Segurança contra Incêndio	61
4.3 Conceito e Partido	64
4.4 Programa de Necessidades e Pré-dimensionamento	64
4.5 Zoneamento e Volumetria	66
4.6 Evolução da Proposta	70
4.7 Estratégias de conforto bioclimático	73
4.8 Condicionantes legais	75
4.9 Proposta	76
ATO FINAL: O EPÍLOGO	80
FECHAMENTO DAS CORTINAS: CRÉDITOS	81

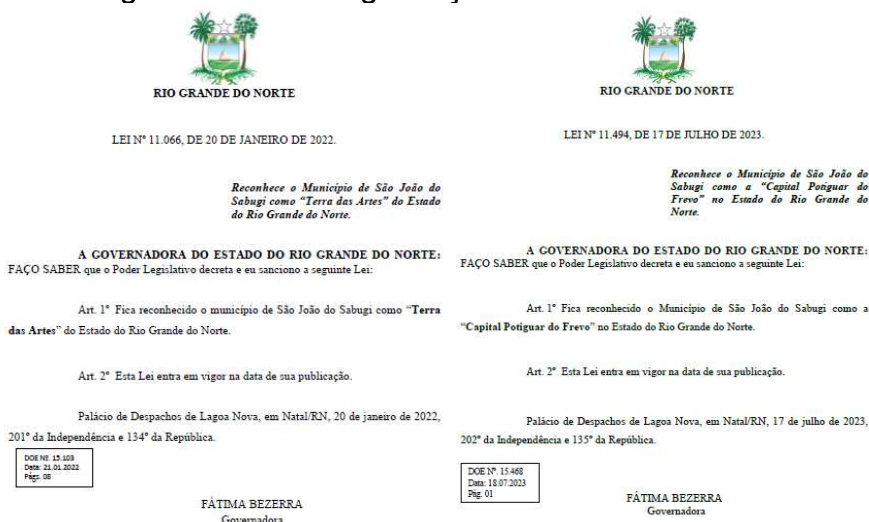
PRIMEIRO ATO: A ABERTURA:

São João do Sabugi apresenta uma grande diversidade na manifestação da arte e da cultura, como música, pintura, bordado, teatro, artesanato, poesia e artes culinárias. Alguns dos principais nomes destes ofícios são atuais e persistem na difícil tarefa de propagar a riqueza artística da região, outros são mais antigos e ajudaram a compor a história e o desenvolvimento dessas mesmas práticas, sendo assim de fundamental importância para o município como é hoje.

A cidade tem abundância de expressões artísticas e culturais, mas que muitas vezes são esquecidas, silenciadas e até negadas. Por falta de incentivo e de interesse para documentar sua história cultural, parte dessa herança foi perdida, outras permanecem na memória e são contadas pelos mais velhos na forma de prosa, além daquelas que são guardadas pelos mais letrados que entendem a importância de historiar a cultura e arte do povo sabugiense.

Recentemente, no ano de 2022 e 2023, São João do Sabugi foi reconhecida oficialmente com os títulos de Terra das Artes e Capital Potiguar do Frevo, respectivamente, pelo estado do Rio Grande do Norte. As Leis 11.066 de 20 de janeiro de 2022 e 11.494 de 17 de julho de 2023 legitima os títulos, conforme Figura 1.

Figura 1 - Lei de legitimação da Terra das Artes.



Fonte: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte (2023)¹.

¹ Disponível em < <http://www.al.rn.gov.br/legislacao/pesquisa> Acesso em 21 de agosto de 2023

Apesar disso, o município apresenta pouco estímulo ao reconhecimento dessa identidade na sua população. A motivação geralmente se encontra apenas no talento próprio e na força de vontade de cada artista que resolve seguir esse caminho; mesmo assim, a grande maioria dos artesões do lugar fazem arte apenas como *hobby*.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que a cidade não dispõe espaço físico destinado para que tais artistas possam apresentar seus projetos. Atualmente, acontecem algumas exposições de âmbito cultural em épocas definidas, como na festa do padroeiro (mês de junho) e carnaval. Exemplos dessas manifestações são a Feirart, que é uma feira de amostra de artesanatos confeccionados pelos artesãos locais; o concurso de poesia e apresentações de quadrilhas estilizadas que ocorrem na época do São João, no mês de junho e a festa do folclore, que apesar de não ser anual, acontece em alguns anos no mês de agosto.

Porém essas exhibições ocorrem em locais destinados a usos mais gerais, como a praça Antônio Quintino de Araújo ou em prédios de secretarias da prefeitura; os quais não apresentam estrutura física adequada para tais fins, como espaço suficiente, segurança, suporte e equipamentos técnicos. Além disso, a cidade ainda não conta com um espaço específico para proporcionar desenvolvimento e educação artística que possa oferecer uma formação qualificada para jovens artistas locais. Essa falta de estrutura pode afetar negativamente a produção cultural da cidade, limitando o potencial criativo de seus habitantes e impedindo a formação de novos talentos.

O primeiro problema decorrente da ausência de um centro de desenvolvimento artístico em São João do Sabugi é a dificuldade enfrentada pelos jovens artistas para aperfeiçoar suas habilidades. Muitos jovens interessados em seguir a carreira artística precisam se deslocar para outras cidades em busca de cursos e formações, o que pode ser financeiramente inviável para muitas famílias. Sem acesso a essa formação adequada, muitos jovens não conseguem aprimorar suas técnicas e conhecimentos, o que limita sua capacidade de produzir obras de qualidade. Essa dificuldade encontrada e a falta de estímulo e incentivo pode fazer com que muitos desistam de seguir carreira no campo artístico.

Outro problema decorrente da ausência de um espaço como esse é a pouca destinação de recursos à produção cultural local. Isso pode levar a uma perda, ao longo prazo, da identidade cultural da cidade e ao enfraquecimento da cena artística local.

Além disso, a lacuna formada pela não existência de um espaço físico apropriado para tais fins pode limitar as oportunidades de desenvolvimento econômico para o município. A produção cultural é uma importante fonte de geração de renda e emprego, e a ausência de um lugar como esse pode excluir as oportunidades de negócios no setor.

Por fim, a carência de um espaço dessa natureza pode ocasionar a perda paulatina da memória histórica do povo. Sem expor e difundir esse conhecimento, de forma perene, as novas gerações podem não ter o acesso necessário à história do seu próprio lugar no futuro; fato este que se encontra em andamento, visto a dificuldade em encontrar exposições físicas que retratem a história sabugiense para a contextualização deste trabalho.

Outro ponto a ser destacado aqui é a necessidade da construção de edifícios agradáveis climaticamente e sustentáveis ao mesmo tempo que se faz referência ao local ao qual está inserido. Essa observação se dá devido às características físicas da cidade, que é de clima quente e seco, então devem ser trabalhadas técnicas que reduzam essas condições, mas que ao mesmo tempo não prejudiquem a possibilidade de construção por falta de mão de obra qualificada ou de materiais necessários que encareçam o valor da edificação.

Dois exemplos de técnicas que podem ser inseridas na resolução desse problema são o *design* biofílico² e o regionalismo crítico³. O primeiro apresenta e aplica as estratégias de conforto térmico, ao mesmo tempo que colabora com a sustentabilidade no projeto com o aproveitamento da luz, dos ventos e de águas pluviais, o uso de vegetação, entre outras. A segunda implica no estudo de técnicas e materiais presentes na região, que serão empregadas na construção, investindo e beneficiando a produção local. Esses dois conceitos podem trabalhar em equilíbrio e um colaborando com o outro para que seja devidamente empregado em um empreendimento.

Em primeiro lugar, o principal objetivo desse trabalho é produzir, a nível de estudo preliminar, um Centro de Desenvolvimento Artístico e Cultural para a cidade de São João do Sabugi – RN. Em segundo lugar, e com base em toda a reflexão problemática, a proposta terá a função de propagar e manifestar a arte e a cultura da cidade, devolvendo a identidade dessa população, facilitando as pesquisas

² Conceito explicado por Pedro Muza e Felipe Boni.

³ Conceito abordado por Keneth Frampton e Diane Ghirardo

científicas focadas nessa temática do município e incentivando a arte e cultura em um mundo de constante mudança e esquecimento da história.

Como objetivos específicos necessários à compleição do objetivo geral, pode-se definir que será: Realizar pesquisa local a respeito da necessidade de um espaço como o da proposta a ser desenvolvida, relacionando com a temática de identidade e memória; fazer levantamento sobre os tipos de atividades culturais e artísticas existentes na cidade que serão usados no programa de necessidades do projeto; analisar referências projetuais e teóricas com a finalidade de estudar esse tipo de espaço para propor um lugar apropriado e funcional e, por fim, definir o programa de necessidades e diretrizes projetuais, para servir de embasamento para o projeto arquitetônico, aplicando os conceitos de *design* biofílico e regionalismo crítico.

Perante a reflexão da problemática exposta nos capítulos anteriores, a proposta do Centro de Desenvolvimento Artístico e Cultural para São João do Sabugi proporciona diversos benefícios para a cidade. Esses benefícios são referentes a questões como econômica, social, cultural, identidade, memória histórica e incentivo à arte.

O primeiro ponto a ser realçado é que uma proposta como esta tem a capacidade de fomentar essa identidade na população, promovendo e preservando a arte e a cultura local. O município é rico em manifestações artísticas e folclóricas únicas e com um centro de desenvolvimento artístico, essas tradições podem ser transmitidas para as próximas gerações e valorizadas como patrimônio cultural da cidade. Isso pode gerar um senso de continuidade e de pertencimento à comunidade local, reforçando a identidade dos moradores. Também causa curiosidade, incentivando as pessoas a fazerem o seu uso e, conseqüentemente, a se desenvolverem, fazendo crescer o número de artistas do lugar, suscitando seus títulos de reconhecimento estadual.

Do mesmo modo, a proposta traz desenvolvimento urbano e econômico para o município, visto que pode fornecer um ambiente propício ao empreendedorismo na área da cultura e artesanato. Também promove o turismo da cidade. São João do Sabugi é uma terra que recebe muitos visitantes interessados em conhecer as manifestações culturais locais, principalmente nas datas comemorativas do lugar. A existência de um centro de educação artística poderia atrair ainda mais turistas interessados em aprender e conhecer mais sobre a suas tradições, gerando um impacto positivo na economia local.

Além disso, a criação de um centro de desenvolvimento artístico pode gerar empregos e oportunidades para os moradores do município. Profissionais da área da arte e da cultura, como artistas, professores, técnicos e produtores, poderiam trabalhar no Centro, em projetos culturais e eventos na cidade. Com isso, a população teria mais oportunidades de trabalho e renda, o que é outro fator que pode contribuir para o desenvolvimento econômico da cidade e para a fixação de jovens talentos locais na região.

Por fim a ausência de um centro de desenvolvimento artístico pode limitar as oportunidades de integração social e cultural na cidade. A arte tem um papel fundamental na formação da identidade e na expressão das culturas locais, e um centro de formação poderia ser um importante espaço para a difusão de conhecimento e para o diálogo entre diferentes grupos da sociedade. Com a criação de um centro de educação artística em São João do Sabugi, a cidade poderia fortalecer sua tradição cultural e contribuir para a promoção da diversidade e da inclusão social; bem como proporcionar a devida importância a essa atividade humana que contribui em vários aspectos do desenvolvimento físico e psicológico do ser humano - a arte. A educação artística é um direito de todos e deve ser valorizada e incentivada em todas as cidades brasileiras, especialmente em locais como este, onde a arte e a cultura são tão presentes na vida das pessoas.

A metodologia utilizada para produção desse trabalho amparou-se em três métodos, visto que cada uma das várias etapas e objetivos específicos demandou um procedimento distinto. O método quantitativo foi empregado na etapa com necessidade de aplicação de um questionário para responder a questões relativas à formação de um programa de necessidades alinhado com as expectativas da população. Fazendo dessa forma foi obtido uma resposta quantificada, sendo mais objetiva e rápida para prosseguir com o desenvolvimento do trabalho. Os resultados foram analisados e incluídos indiretamente no corpo textual da etapa de pré-projeto, de forma que adiciona base ao pré-dimensionamento e ao partido arquitetônico.

O segundo método é o qualitativo, que foi aplicado na etapa de pesquisa nos acervos da administração da cidade, como o site da prefeitura e a secretaria de cultura; além de entrevista com o artista Zacarias Medeiros. Essa etapa teve o intuito de se obter mais detalhes sobre a história da arte e da cultura da cidade, saber sobre o grau de identidade e memória afetiva quanto ao título recebido e as atividades relacionadas para contextualizar historicamente. Esse método favorece a obtenção das particularidades que a comunidade conhece e que não é possível

encontrar na objetividade de uma resposta simples. Além disso, proporciona um maior contato entre os participantes e a pesquisa desenvolvida/pesquisador.

Por último, o método de pesquisa documental também foi incluído, dessa vez na etapa de pesquisa nos acervos tanto físicos, como virtuais. Essas buscas teve a finalidade de melhor descrever sobre o contexto da cidade no trabalho, além de explanar com mais propriedade as informações fornecidas nos capítulos de referencial teórico e referência de projetos. Exemplos de documentos que foram utilizados são as leis municipais como o Plano Diretor e o Código de Obras e as NBRs como a NBR 9050 – de acessibilidade em edificações – e a NBR 13532 – de elaboração de projeto de edificação.

Inicialmente as referências teóricas foram realizadas e analisadas a partir de pesquisas acadêmicas *online*, em repositórios de universidades de arquitetura (como UFRJ, UFRN, UNICAMP, etc) com a finalidade de encontrar informações e autores que deem embasamento para melhor fundamentar a pesquisa com mais propriedade sobre o assunto abordado. O conceito de arte foi explanado segundo alguns nomes, como Friedrich Schelling⁴ e Liev Tolstói⁵; cultura foi definida por Ruth Benedict (1934) e esclarecido por Aíla Oliveira (2006); memória tem a visão de Jacques Le Goff (1990) e Pierre Nora (apud Gonçalves, 2012), e identidade segundo Antônio Ciampa (1987) e Stuart Hall (2006), esses são os principais temas de abordagem dessa pesquisa. Além disso, fazem parte do referencial teórico os conceitos de *design* biofílico e regionalismo crítico, visto que serão os conceitos definidos para a realização do projeto arquitetônico. Esses conceitos proporcionam diretrizes projetuais que orientam uma forma de criar a arquitetura com mais sustentabilidade, se beneficiando das características da região, ao mesmo tempo em que contribui com o entorno. Assim, foram escolhidas essas formas de atuação com a finalidade de promover a arquitetura limpa ao mesmo tempo em que singulariza a proposta na região. Os principais autores citados para essas abordagens serão: Pedro Muza (2021), Filipe Boni (2018), Liane Lefaivre e Alexander Tzonis (apud Oliveira, 2019), além de Keneth Frampton (apud Oliveira, 2019).

Após isso, seguindo os resultados das pesquisas desenvolvidas e citadas anteriormente e mediante o estudo de caso e o referencial teórico devidamente

⁴ Informações retiradas de: SCHELLING, F.W.J. **System of Transcendental Idealism**. Tradução: Peter Heath. Charlottesville: University of Virginia Press, 2002

⁵ Informações retiradas de: TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. Tradução: Bete Torii. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

analisados, foi definido o programa de necessidades e as diretrizes projetuais, seguidas das etapas de estudo preliminar de um projeto arquitetônico. Essas etapas se resumem em escolha de um terreno, levantamento físico e bioclimático da área, estudo de referências de projeto, definição de partido e conceito, estudo de fluxos, de implantação e de volumetria.

Simultaneamente a isso, foi desenvolvido a parte escrita da proposta. Esta que apresenta todo o alicerce e o desenvolvimento do trabalho foi dividido em 5 capítulos. Fazendo referência a uma peça teatral, cada capítulo foi nomeado como “ato”, os quais identificam a ideia principal abordada associando a um roteiro. O primeiro ato: a abertura, narra a apresentação inicial do trabalho, contendo a introdução, problemática, justificativa, objetivos e metodologia. O segundo ato: referencial de roteiro, carrega o aporte teórico que ampara o roteiro da obra. O terceiro ato: o cenário, está relacionado propriamente as paisagens e características do local da proposta. O quarto ato: a proposta, diz respeito ao estudo preliminar em si, a parte de projeção da arquitetura e tudo o que ela envolve. O último capítulo é o Ato Final: o epílogo, que como em uma peça teatral é a cena final destinada a explanar as intenções do autor e o desfecho do drama, aqui também será apresentado a conclusão do trabalho o resultado da proposta.

Por último, foi realizada a elaboração dos desenhos do estudo preliminar de um centro de desenvolvimento artístico e cultural para a cidade de São João do Sabugi, por meio de *softwares* de arquitetura e embasando-se nos resultados obtidos dos procedimentos anteriores. Essa etapa envolve a elaboração gráfica das plantas arquitetônicas e representação por meio de maquete eletrônica. Tanto essa etapa, quanto a anterior, de pré-projeto, contemplarão as exigências das normas associadas a projeto arquitetônico, como a NBR 9050, de acessibilidade e a NBR 13532, de elaboração de projeto.

SEGUNTO ATO: REFERENCIAL DE ROTEIRO:

Este capítulo contém o embasamento teórico referente aos conceitos abordados no trabalho. A seguinte pesquisa documental retrata as compreensões de alguns autores pertinentes sobre a noção de Arte, Memória, Cultura, Identidade, *Design Biofílico* e Regionalismo Crítico.

2.1 Uma abordagem de Arte, Memória, Cultura e Identidade

Para falar da cultura e arte de um lugar é necessário entender os significados dessas expressões. Associado a isso, também se faz necessário uma explanação de identidade e memória, conceitos estes que estão diretamente ligados à cultura de um local, de um povo, e que são, temas principais para esse trabalho.

A arte tem vários significados descritos nos dicionários, alguns a descrevem como a produção consciente de obras, formas e objetos outros como a habilidade de aplicar conhecimentos na demonstração de uma ideia; talento, expressão, entre outros. A complexidade do significado de arte é debatida desde o início do pensamento crítico filosófico, por vários nomes, vendo-se que não é tão simples quanto parece.

Platão tinha uma visão mais direta sobre o assunto, no qual a arte é uma reprodução do mundo, ligada a sentimentos que podem distorcer e influenciar negativamente as emoções pessoas⁶. Ele expõe sua teoria das ideias, argumentando que o mundo sensível é uma mera cópia imperfeita do mundo das ideias e que a arte, por sua natureza imitativa, afasta-se ainda mais da verdadeira realidade. Já Tolstói⁷ defende que a arte é um meio de comunicação que une as pessoas pelos mesmos sentimentos. Enquanto isso, Friedrich Schelling, um filósofo alemão do século XIX, tinha uma visão poética da arte, considerando-a uma expressão direta da alma humana e um meio de conexão entre o homem e o universo⁸. Ele argumentava que a arte, especialmente a poesia e a música, poderia

⁶ Informações retiradas de: Platão. **A República**. Diálogos de Platão. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. vol. 5. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001.

⁷ Informações retiradas de: TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. Tradução: Bete Torii. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

⁸ Informações retiradas de: SCHELLING, F.W.J. **System of Transcendental Idealism**. Tradução: Peter Heath. Charlottesville: University of Virginia Press, 2002.

evocar sentimentos intensos e despertar a consciência para a dimensão mais elevada da existência. Sua perspectiva ressaltava a importância da arte como uma via de acesso à verdade mais profunda e como um meio de expressão genuína e autêntica.

Apesar das diferentes palavras, todas essas visões se aproximam e trazem uma concordância: o sentimento. Conectando o ser humano a infinitude que está inserido, a arte ajuda-o a não se perder, a ter noção de mundo e criar raízes afetivas. E sendo a representação de um sentimento, a união dele, ou uma conexão sentimental entre homem e universo, esse significado se encaixa no quadro estudado, na interpretação de que uma comunidade com o título de Terra das Artes está unida por aquele fim, ou que a arte é aquilo que a representa.

Concomitantemente a esse assunto, a memória também tem a força de conectar as pessoas de um lugar. A arte, como expressão criativa da humanidade, transcende o presente ao encapsular emoções, eventos e ideias na memória cultural e histórica. Dessa forma, a memória de uma comunidade, carregada de suas expressões artísticas desenvolvidas ao longo do tempo, possui a difícil tarefa de entregar ao futuro suas tradições e motivações.

Vários campos como a psicologia, a neurologia e a biologia estudam sobre a memória, e existem várias definições, mas aqui será abordada de forma mais ampla e objetiva. Segundo Jacques Le Goff (1990) a memória é o poder de conservar informações, que nesse caso conota a um grupo de funções psíquicas no qual o homem grava as informações e as impressões passadas. Fazendo uma análise mais palpável desta mesma definição, a memória é como um banco de dados que o ser humano armazena um conjunto de informações consideradas mais importantes às quais ele usa no decorrer de sua vida. Le Goff destaca que a memória é seletiva, ou seja, seleciona e retém apenas certos eventos e informações do passado, enquanto outros são esquecidos ou distorcidos ao longo do tempo. Ele enfatiza a importância das representações coletivas da memória, que são compartilhadas por um grupo ou uma comunidade e moldam a identidade e a consciência histórica dessa coletividade.

Outro importante historiador que fala sobre memória é o francês Pierre Nora (*apud* Gonçalves, 2012), seu conceito dos 'lugares de memória' se encaixa na visão passada por este trabalho. Segundo Nora, os lugares de memória são espaços com significados em comum à uma sociedade, postos tanto em uma realidade tangível, que material ou imaterial, se apresenta por meio do espaço, da tradição, e da

linguagem; quanto em uma realidade figurativa, apresentada por meio de uma história. Ele associa o lugar de memória a cultura, por exemplo, quando a define como “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer” (*apud* Gonçalves, 2012, p.34).

É nesse sentido que adentramos no conceito de cultura. Segundo Ruth (1934) a cultura é um conjunto de padrões de conduta de um grupo; é o modo como o ser humano vê o mundo, os comportamentos sociais, as posições morais, as tradições que são transmitidas de geração em geração. Ou seja, são os costumes, as crenças, artefatos, o estilo de vida, o conjunto das memórias de uma comunidade que formam sua cultura. A cultura é o mecanismo que move e facilita a vida de um determinado grupo e se faz necessário no decorrer da perpetuidade desse.

A cultura brasileira é um rico mosaico formado pela influência de diversos povos ao longo da história. Seu folclore reflete a influência das tradições desde a arte indígena, passando pela colonização, a chegada dos africanos escravizados, as interações históricas com outros países até as tendências contemporâneas. Essa herança está presente na língua, na religião, na arquitetura, na culinária, na música, na dança, na expressão artística no geral.

Para ajudar a preservar e exibir tamanha riqueza, se faz necessário espaços físicos que abriguem as obras, os artefatos históricos, os elementos que lembram cada detalhe daquilo que compõe a memória coletiva e induza a reviver as felicidades e aprender com os erros do passado. Esses espaços são os Centros Culturais projetados para abrigar todos esses elementos, informações e disseminar sua temática principal. Conforme Aíla Seguin (2006), a nova configuração do espaço para esses edifícios surgiu por volta do século XX, e o atributo principal que caracteriza esse tipo de edificação é sua multifuncionalidade, ou seja, é a capacidade de acomodar diversas atividades e expressões culturais em um mesmo lugar. Cita ainda, que mesmo que não haja exatamente um modelo emoldurado de centro cultural, é um espaço para reuniões e produções culturais e destinado ao público que pratica o exercício da criatividade e pelos criadores em potencial. Dessa forma, entende-se que deve ser um espaço ímpar, tendo sua própria identidade arquitetônica, de acordo com o contexto, ao mesmo tempo em que instiga e dá a liberdade criativa, para todos aqueles que fazem seu uso na busca de uma nova representação artística, da preservação de memórias de um lugar, ou com o intuito de exibir a cultura que forma aquela sociedade.

Nessa perspectiva, se a cultura é o que forma um grupo, a identidade é o que caracteriza o indivíduo. Segundo Antônio Ciampa (1987, *apud* Proença; Teno, 2011) a identidade está ligada aos aspectos biológicos, sociais e culturais em que o sujeito está inserido; e esses fatores “externos” vão influenciar todo um grupo que se espelha em um conjunto de memórias vividas, guardadas e apreciadas como fonte de informações para reger as ações atuais.

Esse espelho identidade/cultura também é retratado pelo teórico britânico Stuart Hall. Ele acredita que a identidade é construída através da interação com a cultura e as representações simbólicas presentes na sociedade. Hall (2006) destaca que a cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade, pois é por meio das práticas culturais, símbolos e discursos que as pessoas constroem significados e se situam no mundo. Ele ressalta que a identidade é influenciada por diferentes formas de pertencimento cultural, como a raça, a classe social, o gênero e a sexualidade. Dessa forma, é possível associar que a identidade ligada aos elementos culturais e sociais de uma sociedade implica na necessidade de se preservar aquelas tradições vividas, para que consequentemente se preserve a identidade daquela sociedade. Os Centros Culturais são justamente esses lugares de memória que protegem e preservam os símbolos, as tradições, a cultura a identidade de uma sociedade.

Esses conceitos são importantes para enfatizar que o contexto em que se está inserido vai influenciar diretamente na caracterização daquele povo. Em um lugar como São João do Sabugi, que tem tamanha riqueza cultural na memória é necessário que haja um apoio de valorização para que isso não se perca. Toda sua arte e cultura vem se formando desde o momento de sua fundação, e isso é o que faz a cidade acontecer, é o que caracteriza a identidade do povo da cidade e, portanto, influencia todo o caráter cultural da perpetuação desse povo.

2.2 Abordagem de Projeto

Como forma de apresentar um novo estilo de se fazer arquitetura e retomar os valores culturais focados em todo o trabalho, as abordagens de projeto utilizadas para elaboração da Casa das Artes foram pautadas em dois conceitos: *design* biofílico e regionalismo crítico. Ambos foram definidos para uma melhor apresentação geral e situação das características projetuais que foram explanadas nas etapas de planejamento do estudo preliminar do Centro de Desenvolvimento Artístico e Cultural.

Segundo Pedro Muza (2021, p. 29) “a biofilia é a conexão biológica inata da humanidade com a natureza”, nesse sentido o *design* biofílico remete e reforça essa conexão do ser humano com o meio ambiente. Dentre outros aspectos como conforto e eficiência, esse conceito também fortalece a proposta de que o corpo e a mente de um indivíduo evoluem em um contexto rico sensorialmente e nesse caso a riqueza se dá a partir das particularidades que a natureza proporciona.

Como forma de abordar essa riqueza natural alguns elementos ou detalhes podem ser elencados na concepção de um ambiente ao qual se aplica tal conceito, conforme explica Felipe Boni (2018). Os elementos primários devem ser bastante explorados de forma criteriosa e articulada: aqui falamos da luz e ventilação natural, água, plantas, paisagens, entre outras características presentes no meio ambiente (ver Figura 2).

Figura 2 - Exemplo de arquitetura com *design* biofílico.



Fonte: Iwan Baan em Archdaily (2020).

Esses elementos, além da conexão com a natureza, também possuem o poder de gerar maior eficiência energética para a edificação a partir da diminuição do uso de energia elétrica para ventilação e iluminação artificial por exemplo; bem como proporciona maior conforto a partir da interação homem-natureza, conforme Figura 3.

Figura 3 - Exemplo de *design* biofílico.

Fonte: Hirouyki Oki em Archdaily (2020).

Além dos elementos primários outras características também são incorporadas como as experiências indiretas, ou seja elementos construtivos, materiais naturais, formas orgânicas e cores que remetem à natureza ou que são produzidas originalmente pela natureza, como itens de palha ou barro, tijolo de adobe, construções de madeira, cores produzidas (ou parecidas com as produzidas) a partir de elementos da terra, e até imagens, pinturas e artes que representam elementos da natureza, ver Figura 4. Tudo isso atrelado à sustentabilidade e ao sentido de lugar formam o conceito do *design* biofílico.

Figura 4 - Detalhes de *design* biofílico.

Fonte: Rasmus Hjortshøj em Archdaily (2020).

O outro conceito utilizado para a produção do projeto é o Regionalismo Crítico. Segundo Oliveira (2019) este termo foi criado por Liane Lefaivre e Alexander Tzonis em 1981 a partir da publicação do ensaio “The Grid and the Pathway”, porém o tema foi originado muito antes no trabalho de Lewis Mumford, a partir da década de 1930. Por Lefaivre e Tzonis o termo foi usado para descrever as obras dos arquitetos gregos Dimitris e Suzana Antonakakis, daí seu significado e a similaridade com a abordagem do conceito.

Regionalismo Crítico é um termo com várias descrições de “significados profundos” para diferentes autores. Essa variação envolve desde as técnicas que o conceito carrega, até a ligação da arquitetura com a história construtiva dos lugares. Devido a isso aqui utilizaremos os significados explicados por Liane Lefaivre e Alexander Tzonis e Keneth Framptom, os quais as interpretações bebem da mesma fonte e são considerados os estudiosos que “consolidaram” o termo.

As principais características do Regionalismo Crítico estão voltadas para as técnicas construtivas e o uso dos materiais, os quais devem produzir um efeito moderno, mas sem perder a cultura construtiva do lugar, ou seja, é uma maneira de projetar que trabalha a tectônica em favor da conexão da arquitetura com o contexto ao qual será inserida. Um exemplo disto são as *Torres del Parque*, projeto de Rogelio Salmona, ver Figura 5. Essa propriedade será aqui abordada como uma forma de enaltecer ainda mais a cultura local do município de São João do Sabugi, além de facilitar a possibilidade de construção do projeto, a fim de que a concretização do espaço projetado possa ser alcançada no futuro.

Figura 5 - *Torres del Parque* e o regionalismo crítico.



Fonte: Jose David Parras em Archdaily (2020).

As técnicas construtivas citadas envolvem o uso de materiais produzidos na região, o método de construir de acordo com a experiência da mão de obra existente no lugar, detalhes arquitetônicos que referenciem a cultura local e a maneira de lidar com as condicionantes na etapa de pré-projeto, de forma que o edifício se adapte ao clima e ao espaço sem a necessidade do uso das tecnologias modernas, como ar-condicionado e luz artificial, como no projeto do campus da Universidade do Amazonas, feito pelo arquiteto Severiano Porto, exposto na Figura 6. Todos esses aspectos também são uma forma de valorização tanto profissional como financeira da população do ramo de construções dos espaços onde se projeta.

Figura 6 – Regionalismo crítico no Campus da Universidade do Amazonas.



Fonte: Severiano Porto em Archdaily (2020).

É perceptível que ambos os conceitos têm similaridades e significados que favorecem este trabalho desde os objetivos principais. Essa é uma forma não só de facilitar a conquista e valorizar a cultura e a sustentabilidade, mas também é uma maneira de disseminar a necessidade de se fazer o uso de tais abordagens em dias como o hoje. Além disso é uma maneira de mostrar que é possível se fazer arquitetura com alto valor de *design* e ao mesmo tempo regional e se obter um espaço confortável e sustentável e moderno.

TERCEIRO ATO: O CENÁRIO

Assim como na arte, esta proposta está inserida em um cenário que aqui é descrito em três tópicos. O cenário é o terreno escolhido dentro de São João do Sabugi, ao qual a proposta foi projetada. O primeiro tópico diz respeito a toda a história e memória do lugar, evidenciando um suporte cultural que deve ser ressaltado para fins de aporte teórico. O segundo é relativo as condições físicas do sítio, como a topografia, paisagens e localização. O último corresponde as características biológicas ao qual o terreno está situado, como clima, insolação e dados cartográficos.

3.1 Contextualização Histórica

São João do Sabugi está localizada no Brasil, no interior do estado do Rio Grande do Norte, na microrregião do Seridó (Figura 7). Segundo os dados mais atuais do IBGE (2021), conta com uma população de um pouco mais de 6 mil habitantes. Sua extensão territorial corresponde a aproximadamente 277 km², calculados pelo IBGE.

Figura 7 - Identificação da cidade no mapa.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O município tem sua história marcada com trajetórias paralelas de grandes nomes da arte e da cultura regional. E é através desses encontros que o município escreve sua memória, sua cultura e sua identidade. A diversidade artística presente na cidade é reflexo da intervenção de vários artistas locais que se doaram à

comunidade carregando ensinamentos e sentimentos de arte e de cultura ao longo dos anos.

Um exemplo disto é a narrativa da música de São João do Sabugi que nasceu junto com a história da cidade, há aproximadamente um século. Segundo Quintino (2021) uma das primeiras formações musicais sabugiense aconteceu quando a cidade ainda era distrito do município de Serra Negra do Norte - RN, por meio da chegada de parte a família Capiba naquele lugar.

A família Capiba, natural do Pernambuco, teve grandes nomes conhecidos nacionalmente com suas contribuições para a o frevo, como Lourenço da Fonseca Barbosa (Capiba) e José Mariano da Fonseca Barbosa (Marambá); mas também nomes de grande importância local como Honório Maciel da Fonseca (Honório Capiba). Este último foi músico e militar Pernambucano e por motivos de ofício e política, depois de uma longa jornada, acabou sendo transferido para o povoado de São João do Sabugi, em 1924. A Convite de José Maria de Souza Lima, Honório passou a reger a banda de música do lugar; que com sua morte em 1928, veio a ser rebatizada de “Filarmônica Honório Maciel”, em sua homenagem.

Honório Capiba deu origem a dois músicos, entre outros filhos: José Lourenço da Fonseca (Zé Honório) e José da Penha Moura da Fonseca (Peinha), conhecidos como os Irmãos Capiba, que também ajudaram a disseminar o frevo no lugar e a reger a filarmônica. Zé Honório manteve a amizade com seu primo Capiba, famoso compositor, após estudar em Recife e, voltando para o Seridó, manteve o contato por meio de cartas. Através dessas correspondências Capiba compartilhava as partituras dos seus novos frevos e por causa disso, as composições eram lançadas concomitantemente em Recife e em São João do Sabugi.

Com a inspiração das composições de Capiba, os componentes da filarmônica Honório Maciel (Figura 8) passaram a criar seus próprios frevos, sendo alguns cantados com a história da cidade, da população e de sua cultura. Os mais famosos, tocados sem falta em todos os carnavais da cidade, são “Cadê a Mala” e “Balança o Saco”.

Figura 8 - Filarmônica Honório Maciel.



Fonte: Autor e ano desconhecidos, acervo Filarmônica Honório Maciel.

Além da música de frevo, a cidade também concebe artistas de outros gêneros, como a música popular e a cantoria de viola (Figura 9), que estão presentes em quase todas as manifestações culturais do lugar.

Figura 9 - Cantoria de viola por Zé de Lera e Israel Medeiros.



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Outra arte existe em parte da história do município é o teatro. Os dois grandes grupos de teatros existentes na cidade foram a Companhia de Teatro Valmira Moraes o grupo Arte e Vida, sendo um derivado do outro. A primeira deu-se início, no ano 2000, na forma de projeto voluntário denominado Grupo de Teatro S.E VIDA (saúde, educação e vida), com um pequeno grupo de jovens sabugienses coordenados por Livanda Lopes e Deuzilene da Nóbrega Costa, com o intuito de conscientizar a população jovem sobre sexualidade e saúde reprodutiva. A partir

desse, o grupo cresceu, conquistou espaço e expandiu suas apresentações, se tornando a Companhia Valmira Moraes no ano de 2005, nome dado em homenagem a uma ex-secretária de cultura do município. A companhia prosperou por muito tempo fazendo apresentações em diversas datas festivas e para toda a cidade.

Com o passar do tempo o grupo se desfazia e voltava, até se tornar o Arte e Vida, por meio de um projeto vinculado a UFRN, sob a coordenação de Katiane Cristina da Silva Costa, orientada pela professora Grinaura Moraes. O grupo reviveu e voltou a fazer várias atividades na cidade, e quando o projeto acabou voltou a ser chamado de Grupo Valmira Moraes (Figura 10), perdurando por mais alguns anos, até ser dissipado novamente.

Figura 10 - Grupo de Teatro Valmira Moraes.



Fonte: Acervo Pessoal (2014).

Enquanto vivo, o grupo realizava várias atividades como reuniões de ensaios e programações das atividades, encontros de debates, de leitura, de estudo da arte teatral, de apoio pessoal aos integrantes, além das apresentações, capacitações e projetos sociais. Apesar da constante atividade, o grupo nunca teve uma sede própria, sempre realizava suas atividades em edifícios cedidos pela prefeitura, pela paróquia de São João Batista ou pelos próprios integrantes.

Outras manifestações teatrais menores existiram no município, como pequenas apresentações dos grupos de jovens das igrejas e das escolas, o mais conhecido foi o grupo escolar com a apresentação de Chaves na vila, chegando a fazer apresentações em outras cidades.

A dança também tem sua participação na cultura do lugar. Desse tipo de arte, existem dois grupos principais de dança: o grupo de forró da terceira idade, que atualmente acontece em cada última sexta feira do mês e sediado, no edifício do CRAS, pelo município. O segundo grupo é o Grupo Cultural Alegria de São João, a quadrilha estilizada da cidade que surgiu em 2005 por meio do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e ministrada por Inácio Sergio dos Santos Neto. A quadrilha atualmente é incentivada pela secretaria de cultura e realiza ensaios e apresentações de quadrilha estilizada nas festividades juninas tanto no município, quanto em cidades próximas. Além destes o município também conta com o Grupo de Xaxado que está ganhando visibilidade no lugar, Figura 11.

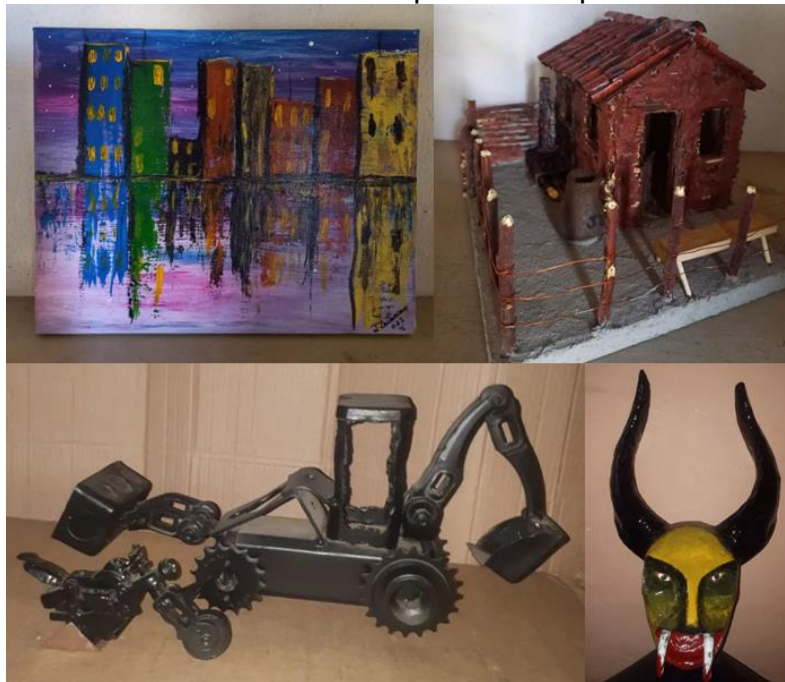
Figura 11 - Grupo de Xaxado sabugiense.



Fonte: Acervo Pessoal (2023).

A pintura também é vivenciada e desenvolvida na cidade; e associado a essa, é pertinente citar as artes plásticas, as artes culinárias e o artesanato. Nessas categorias é possível exemplificar por meio de peças feitas de materiais recicláveis e produtos da terra, que mostram a cultura e a vivência nordestina (Figura 12), como as peças produzidas pelo artista plural Zacarias Medeiros. Além dessas ele também produz as famosas máscaras de papangu, importante item da cultura do carnaval sabugiense, que já participaram de várias amostras culturais da região, ver Figura 12. Quanto à culinária, alguns residentes desenvolvem iguarias regionais como os queijos nordestinos artesanais, lambedores e doces, entre outros.

Figura 12 – Pinturas e esculturas produzidas pelo artista Zacarias.



Fonte: Acervo de Zacarias Medeiros (2023).

Assim como a há artistas que persistiram e vivem disso, a grande maioria o faz apenas como *hobby*. Alguns apresentam e cozinham suas obras para a família e amigos, outros conquistam um pouco mais de espaço fazendo exposições esporádicas em amostras culturais na cidade e região, ou vendendo a nível local e em redes sociais como forma de renda extra.

3.2 Condicionantes Físicas do Terreno

O terreno em estudo está situado no bairro Vale do Sabugi de São João do Sabugi, Rio Grande do Norte, acessado por três vias: Avenida Honório Maciel, principal rua da cidade, Rua Lucas B. Filho e Rua Massillon Vieira de Medeiros, conforme Figura 13. A escolha desse espaço se deu, principalmente, devido a conveniência de ter uma grande área de extensão e estar localizado próximo ao Centro da cidade. Essas características podem proporcionar o espaço necessário para abranger todo o programa de necessidades, além de permitir visibilidade e fácil acesso ao edifício.

Figura 13 - Terreno no mapa.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora (2023).

Com uma topografia bastante acidentada, o terreno conta com uma diferença de até 7m entre a parte mais alta e a mais baixa, como mostra a Figura 14. Para trabalhar com essa diferença, foram empregadas estratégias de adaptação de volumes, além de terraplenagem.

Figura 14 - Vista aérea e a nível dos olhos no terreno.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Outra característica importante, são as paisagens visuais existentes no entorno do terreno (ver Figura 15) que podem ser exploradas como a força do lugar, a fim proporcionar energia sensações ao projeto.

Figura 15 - Paisagem do entorno do terreno.



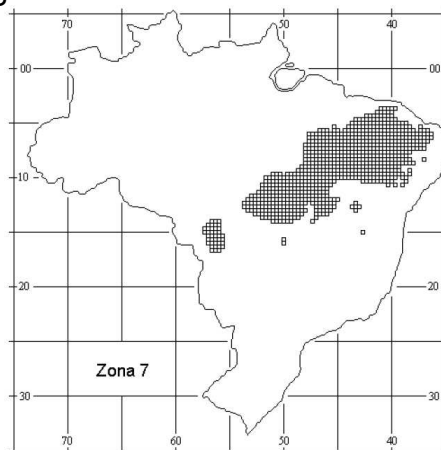
Fonte: Acervo pessoal (2023).

A escolha do terreno foi um fator crucial para desenvolvimento técnico da proposta. Suas características peculiares de forma e desnível formam um quadro inicialmente dificultoso de se trabalhar, porém com o estudo correto e a criatividade necessária pode gerar uma obra arquitetônica com beleza e funcionalidade.

3.3 Estudo Bioclimático

São João do Sabugi é uma cidade localizada na região do Seridó, no interior do estado do Rio Grande do Norte, uma das regiões mais secas do Brasil. Conforme classificação na NBR 15220 – 3 de 2005, o município está presente na zona bioclimática 7, conforme Figura 16. Situado no bioma caatinga compreende o clima semiárido, o que significa que apresenta baixa umidade e chuvas escassas ao longo do ano.

Figura 16 - Zona bioclimática do sítio.

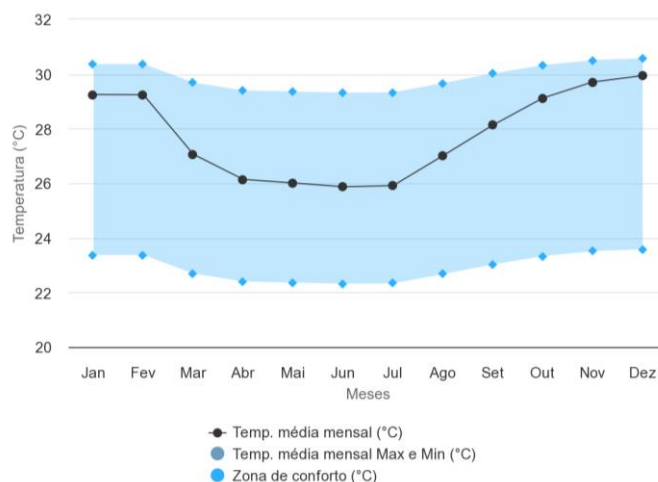


Fonte: NBR 15220 – 3 (2005).

Não foram encontrados dados tabelados disponíveis especificamente para o município de São João do Sabugi, por isso será utilizado os dados climáticos sobre o município de Caicó-RN, situado a aproximadamente 39km de distância da cidade em que está a área de estudo. As informações analisadas aqui, encontradas na plataforma ProjetEEE, são diagnósticos adotados do INMET.

De acordo com os dados mais recentes apresentados na plataforma, do ano de 2016, a temperatura média anual no município é de aproximadamente 28°C. Nos meses de outubro a fevereiro, que são os mais quentes do ano, a temperatura média mensal pode chegar aos 30°C. Já entre março e setembro as temperaturas costumam ser mais amenas, ficando em torno de 27°C, conforme Gráfico 1. É importante ressaltar que as variações diárias de temperatura podem ser significativas, com dias quentes e noites mais frescas.

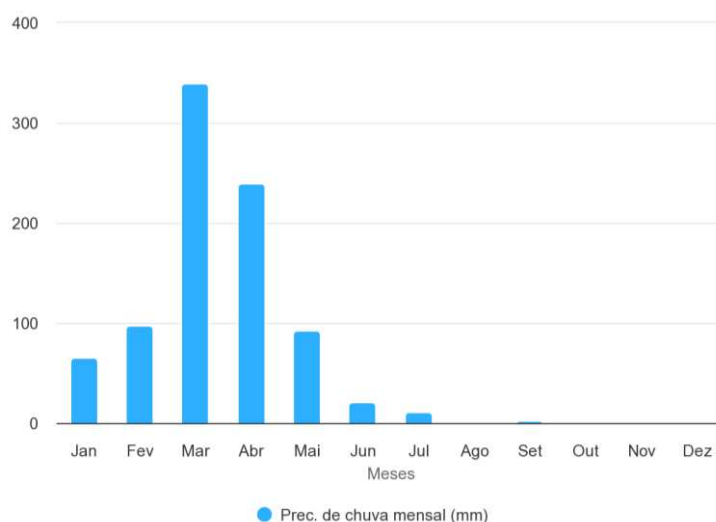
Gráfico 1 - Gráfico de temperatura e zona de conforto.



Fonte: Projeteee (2023).

Além das altas temperaturas, a cidade enfrenta um período prolongado de estiagem. A precipitação pluviométrica máxima é de cerca de 350 mm, concentrada principalmente entre os meses de fevereiro a maio, conforme Gráfico 2 abaixo. Durante o restante do ano, as chuvas são escassas, o que torna a região propensa a períodos de seca. Essas condições climáticas têm impactos significativos na vegetação local. A vegetação predominante em São João do Sabugi é a caatinga, adaptada às condições de baixa umidade e alta temperatura. Caracterizada por plantas xerófilas, com folhas pequenas e espessas, essa vegetação possui mecanismos de adaptação para sobreviver em um ambiente árido, não sendo necessário o cuidado intenso. Por esse motivo algumas espécies dessa vegetação podem ser implementadas a proposta, como estratégia do design biofílico, com o intuito de amenizar as altas temperaturas, proporcionar sombreamento às áreas abertas, além de ornar as paisagens do Centro Casa das Artes e inserir natureza ao projeto.

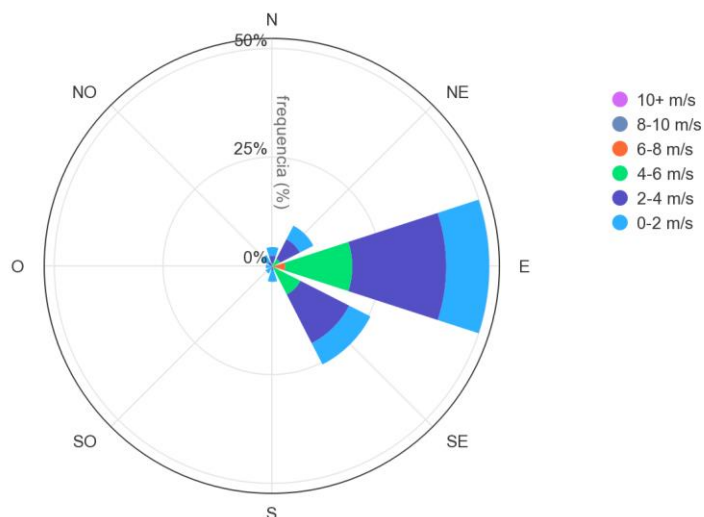
Gráfico 2 - Gráfico de chuvas.



Fonte: Projeteee (2023).

Segundo a rosa dos ventos disponibilizada na plataforma, Gráfico 3 abaixo, os ventos do local são advindos, predominantemente, do leste. Com velocidades de até 2 m/s, podem contribuir com a minimização das altas temperaturas, se empregadas as técnicas certas nos ambientes construídos.

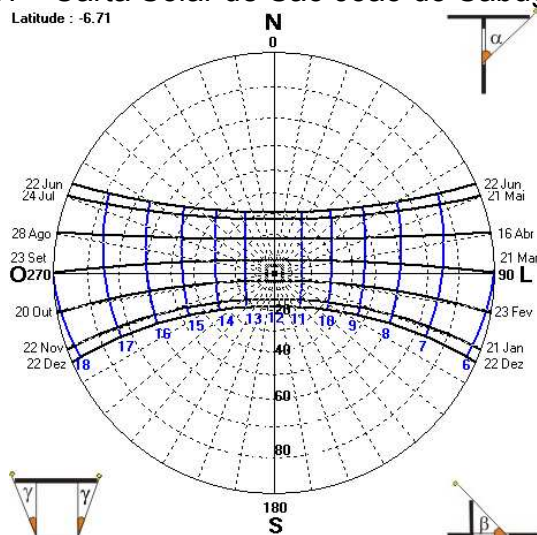
Gráfico 3 - Rosa dos Ventos



Fonte: Projeteee (2023).

Outro ponto importante a ser destacado são as características de insolação nas fachadas. Por meio do *software* Sol-Ar, e utilizando as coordenadas geográficas do município de São João do Sabugi (latitude de 6,71° Sul) foi possível elaborar uma carta solar que mostra tais informações necessárias. Conforme a carta solar, Figura 17 abaixo, devido à proximidade com o equador, a variação na trajetória solar ao longo do ano será menos acentuada. As diferenças entre os solstícios de verão e inverno não serão tão marcantes quanto em latitudes mais elevadas. Portanto, a duração dos dias e noites ao longo do ano não sofrerá mudanças drásticas. A imagem ressalta ainda que a localidade estando abaixo da linha do equador, a fachada norte sofrerá mais incidência solar durante todo o dia, na maior parte do ano, por isso uma alternativa eficaz, pensada para implementar ao projeto, foi a inserção de marquises e brises que impedem a entrada direta do Sol, sem comprometer a ventilação natural. Além disso, é possível perceber que a fachada leste recebe a incidência solar no período da manhã, enquanto a fachada oeste, no período da tarde.

Figura 17 - Carta Solar de São João do Sabugi.



Fonte: Elaborado pela autora, no Software Sol-Ar (2023).

Para uma melhor análise dessas informações climáticas dentro do terreno em estudo, elaborou-se um mapa esquemático que indica o percurso solar durante o dia, na maior parte do ano, bem como o direcionamento dos ventos predominantes, mostrados na Figura 18 a seguir.

Figura 18 - Condições naturais no terreno.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora (2023).

Em resumo, o bioclima de São João, é caracterizado por altas temperaturas ao longo do ano, chuvas escassas e uma vegetação adaptada às condições semiáridas. Para uma edificação localizada em uma região com esses atributos ter conforto térmico é necessário utilizar algumas estratégias arquitetônicas que facilitem maior circulação de ar, ao mesmo tempo em que evita a entrada direta e

constante de sol. Exemplos dessas estratégias são o uso do cobogó, sombreamento por meio de vegetação, brises, marquises e/ou beirais; ventilação cruzada por meio de esquadrias localizadas estrategicamente, chaminés, esquadrias estreitas para entrada de ar e barragem do sol; uso de vegetações e espelhos d'água para criação de microclima e uso de materiais que tem têm pouca transmitância térmica para dentro da edificação. Todas essas estratégias foram implementadas ao projeto de acordo com a necessidade e localidade de cada ambiente. Por exemplo nas fachadas voltadas para o norte e poente foram dispostos pequenos rasgos, ou elementos de cobertura e vedação parcial do sol; em ambientes grandes que não tem ligação lateral direta com o exterior, foram adicionadas as aberturas zenitais associadas as chaminés, para a entrada de luz e dissipação do calor.

QUARTO ATO: A PROPOSTA

Este capítulo expõe todo o desenvolvimento da proposta do estudo preliminar do Centro de Desenvolvimento Artístico e Cultural. Para isso alguns tópicos foram explanados como os estudos de referência de Centros Culturais que proporcionaram suporte e ideias de técnicas e alternativas implementadas no projeto. Nesse caso foram utilizados quatro projetos que muito se assemelham, quanto a funcionalidade e as características construtivas da proposta da Casa das Artes: o Centro Cultural de Curitiba, o SESC Pompéia, o Centro Dragão do Mar, e o restaurante Camarões de Natal. Outro tópico aqui presente são as legislações que orientam e normatizam o projeto de acordo com a lei.

Além desses, as explicações da escolha do conceito e do partido do projeto e o desenvolvimento do programa de necessidades, dimensionamento, zoneamento e volumetria, também foram explorados aqui. Os últimos tópicos são a evolução da proposta, que mostra todo o progresso percorrido até chegar ao resultado arquitetônico obtido, as estratégias bioclimáticas utilizadas e por fim, a própria proposta.

4.1 Referencial Projetual

4.1.1 Centro Cultural de Curitiba

O projeto do Centro Cultural de Curitiba foi elaborado pela empresa brasileira HARDT Planejamento no ano de 2015 para abrigar atividades culturais e educacionais da cidade de Curitiba, Paraná; ver Figura 19 . Marlos Hardt foi o arquiteto responsável pelo projeto que foi construído com capacidade para mais de 700 pessoas.

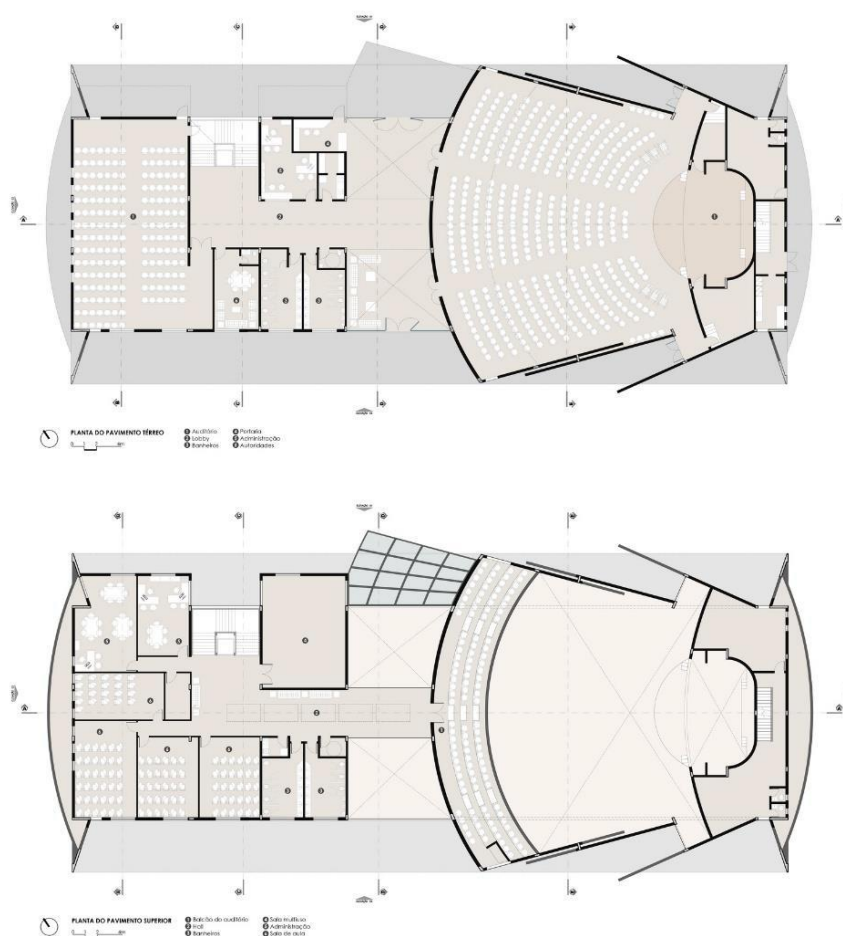
Figura 19 - Centro Cultural de Curitiba.



Fonte: Jefferson Carollo Filho em Archdaily (2017).

No local encontra-se espaços como auditórios para grandes apresentações, salas multiuso, salas para aula de música, escritórios, espaço para pequenas cerimônias, entre outros ambientes, conforme identificado em plantas baixas na Figura 20.

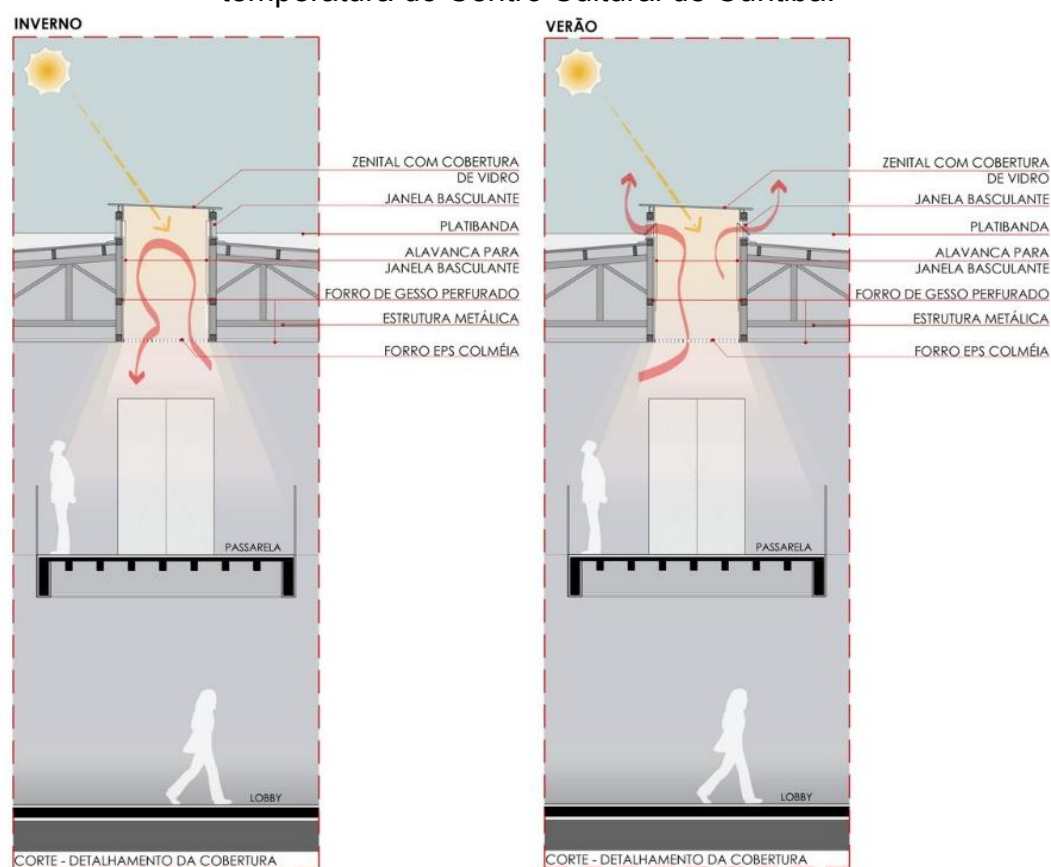
Figura 20 - Plantas baixas do Centro Cultural de Curitiba.



Fonte: Archdaily (2017).

O Centro abrange uma área de 2140m² e está localizado em um clima temperado. Este apresenta oscilações entre rigorosos invernos e verões bastante quentes, o que demanda um espaço que possa ter essa versatilidade de se adaptar as duas temperaturas. Para atender a demanda do clima foram desenvolvidos espaços com janelas zenitais no pavimento superior para a ventilação que no período do verão mantém-se abertas e o ar que entra pelas portas e janelas laterais saem por essas janelas basculantes criando um efeito chaminé, e no inverno mantém-se fechadas mantendo o calor dentro do edifício, conforme mostra a Figura 21. Apesar das características climáticas serem diferentes do clima do sertão, esses elementos podem funcionar o ano inteiro como uma chaminé que dissipa o calor interno do ambiente, sendo dessa forma uma técnica funcional e importante para ser implementada em um edifício nas regiões quentes.

Figura 21 - Detalhamento da cobertura com esquemas de solução para controle de temperatura do Centro Cultural de Curitiba.



Fonte: Archdaily (2017).

Os grandes rasgos (Figura 22) nas fachadas permitem uma permeabilidade visual e integração com o entorno, além de proporcionar grande aproveitamento da luz natural. Tais aberturas também podem projetar a paisagem para dentro da edificação na forma ilusória de uma grande fotografia, potencializando a força do lugar e do imóvel.

Figura 22 - Vista interna do Centro Cultural de Curitiba.



Fonte: Jefferson Carollo Filho em Archdaily (2017).

Além disso o projeto trabalha a volumetria do espaço com formas que se projetam para fora da fachada, fazendo maior aproveitamento das áreas desses espaços e deixando o edifício mais distinto, gerando certa identidade visual, visto na Figura 23. Trabalhar a plasticidade de uma construção não só caracteriza a obra, como também propõe otimização de espaços e ambientação.

Figura 23 - Vista do jogo de volumes do Centro Cultural de Curitiba.



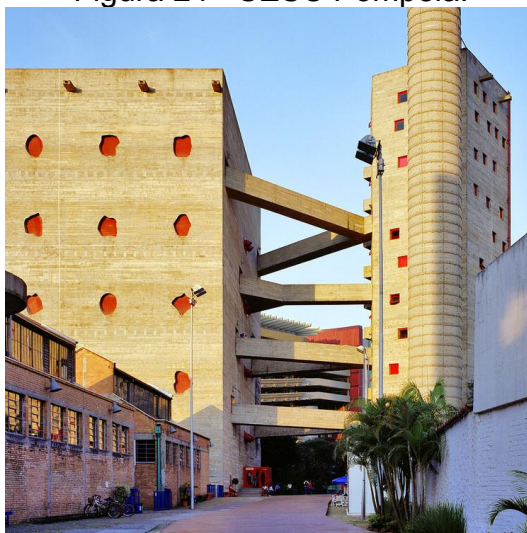
Fonte: Jefferson Carollo Filho em Archdaily (2017).

Algumas das características do Centro Cultural de Curitiba carregam importantes funcionalidades como as aberturas que aproveitam a luz e ventilação natural de acordo com as diferentes necessidades ao decorrer do ano; e o jogo de volume que gera identidade e aproveitamento do espaço. Esses elementos poderão ser implementados nessa proposta deste trabalho afim de propiciar as mesmas qualidades identificadas no projeto analisado.

4.1.2 Sesc Pompeia

O projeto do Sesc Pompeia, idealizado pela renomada arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, é uma obra arquitetônica icônica que redefiniu o conceito de espaço cultural e de lazer na cidade de São Paulo, Brasil. Inaugurado em 1986, o complexo é um exemplo notável de arquitetura adaptativa e inovadora, que incorpora estratégias arquitetônicas inteligentes e sensíveis para criar um ambiente multifuncional e dinâmico, Figura 24. Muitas de suas estratégias e técnicas de projetar coadunam com a proposta do regionalismo crítico, associando o edifício com o entorno ao qual foi construído.

Figura 24 - SESC Pompéia.



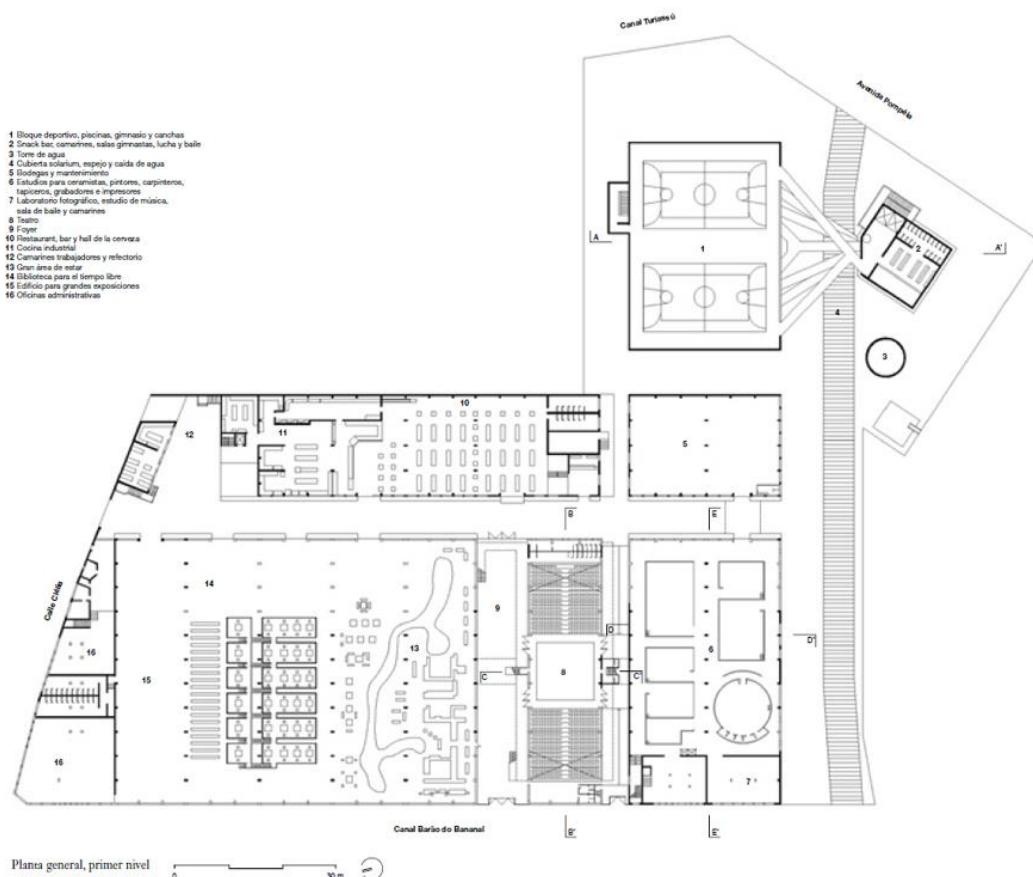
Fonte: Pedro Kok Filho em Archdaily (2013).

O Sesc Pompeia foi construído em uma antiga fábrica de tambores de óleo, o que já forneceu um cenário intrigante e industrial para a intervenção de Lina Bo Bardi. A arquiteta adotou uma abordagem de "arqueologia industrial", preservando elementos da estrutura original, como os fornos e chaminés, e integrando-os à nova

concepção do espaço. Essa é uma das principais características do conceito do regionalismo crítico. Isso resultou em uma simbiose interessante entre a história do local e a visão contemporânea do projeto.

Uma das estratégias arquitetônicas notáveis utilizadas por Lina Bo Bardi foi a criação de espaços abertos e flexíveis que podem proporcionar a versatilidade necessária para diferentes tipos de atividades, como visto na planta baixa (Figura 25). Além disso, o complexo é composto por diferentes edifícios interconectados por passarelas, escadas e pontes suspensas, permitindo uma fluidez única entre as áreas internas e externas, gerando uma volumetria de blocos interligados que formam uma única edificação, ver Figura 24. Essa característica observada aqui, tem o intuito de ser adotada na concepção do projeto da Casa das Artes, adicionando ligações entre blocos ao mesmo tempo em que os distinguem, proporcionando uma paisagem volumétrica distinta.

Figura 25 - Planta nível 1 do SESC Pompéia.

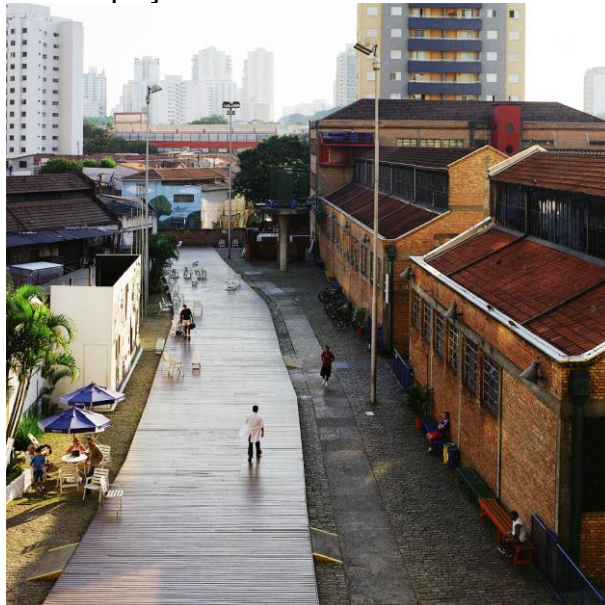


Fonte: WikiArquitectura em Archdaily (2013).

A arquiteta também demonstrou um profundo respeito pela materialidade e pelas texturas dos materiais utilizados. Ela optou por deixar muitos elementos em seu estado bruto, como concreto aparente e estruturas metálicas, destacando a autenticidade e a beleza da matéria-prima. Essa escolha estética está em sintonia com a ideia de celebrar a história industrial do local, técnica abordada no significado do Regionalismo Crítico.

Além disso, a incorporação de áreas de convivência, como praças, jardins e espaços de estar, desempenhou um papel vital no projeto, Figura 26. Esses espaços ao ar livre proporcionam oportunidades para relaxamento, interação social e eventos culturais. A ênfase em zonas de convívio reforça a missão do Sesc como um local que promove atividades culturais e recreativas para a comunidade. Essa importância aos espaços de convivência também será uma característica marcante adotada no projeto com o intuito de fortalecer a interação social.

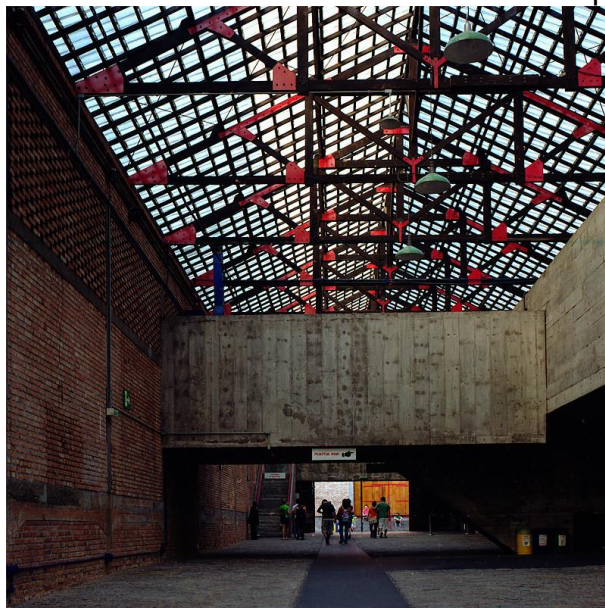
Figura 26 - Espaços de Convivência no SESC Pompéia.



Fonte: Pedro Kok Filho em Archdaily (2013).

Outra técnica relevante no projeto de Lina, são as inserções de aberturas zenitais, elas proporcionam a iluminação necessária em ambientes que não tem o contato lateral direto com o exterior, como na Figura 27. Sendo uma ótima alternativa para os grandes espaços centrais dos blocos, esse tipo de abertura pode admitir funcionalidade e benefício ao projeto.

Figura 27 - Aberturas zenitais no SESC Pompéia.



Fonte: Pedro Kok Filho em Archdaily (2013).

O projeto do Sesc Pompeia de Lina Bo Bardi é um exemplo marcante de arquitetura que transcende a funcionalidade física e se transforma em uma experiência emocional e cultural. Suas estratégias arquitetônicas visionárias, como a integração do antigo com o novo, espaços abertos e materiais autênticos, têm sido admiradas por profissionais e entusiastas da arquitetura, permanecendo como uma referência importante no campo da arquitetura adaptativa e sensível ao contexto.

4.1.3 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado em Fortaleza, Ceará, é um notável complexo cultural que se destaca como um símbolo da rica cena artística e criativa da região. Projetado pelo arquiteto cearense Delberg Ponce de Leon, o centro foi inaugurado em 1999 e tem sido um importante polo de atividades culturais e educacionais desde então.

O projeto arquitetônico do Dragão do Mar incorpora várias estratégias inteligentes que se adaptam ao clima quente e ensolarado da região nordeste do Brasil que serão utilizadas como referências de alternativas no projeto da Casa das Artes. Um exemplo disso é a fachada do Memorial da Cultura Cearense, no complexo, que apresenta elementos de proteção solar, como cobogós e detalhes vazados (ver Figura 28), que ajudam a controlar a entrada de luz solar direta e reduzem o ganho de calor interno. Além disso, esses elementos permitem a

ventilação natural, aproveitando os ventos predominantes para resfriamento passivo, sendo dessa forma uma implementação inteligente a inserir na proposta. Outro exemplo é o uso de materiais de tonalidades claras e refletivas na fachada, que contribuem para a redução do calor absorvido pela estrutura. Isso minimiza o aquecimento excessivo e ajuda a manter o interior mais fresco.

Figura 28 - Fachada do Memorial da Cultura Cearense no Centro Dragão do Mar.



Fonte: Peramblogando (2009)⁹.

O projeto inclui praças, jardins e áreas de convivência ao ar livre, que não apenas proporcionam espaços para encontros sociais, mas também contribuem para a criação de microclimas mais frescos por meio da evapotranspiração da vegetação, Figura 29. Essa estratégia, juntamente com o uso de materiais e cores claras são técnicas utilizadas no design biofílico, associando a arquitetura à natureza. Outro detalhe a ser ressaltado é que o programa arquitetônico do Centro Dragão do Mar contempla uma variedade de espaços culturais, incluindo museus, teatros, biblioteca e áreas para exposições; semelhante ao programa de necessidades desse Centro Cultural e Artístico. Cada espaço é projetado para atender às necessidades específicas de cada atividade cultural, e dessa forma contribuirá para o dimensionamento e funcionalidade de ambientes.

⁹ Disponível em <<https://peramblogando2.wordpress.com/2009/04/10/centro-dragao-do-mar-de-arte-e-cultura/>> Acesso em 21 de agosto de 2023.

Figura 29 - Jardim no Dragão do Mar.



Fonte: Sabrina Fontenele (2002).

Outra particularidade a ser adotada do Dragão do Mar é o elemento escultórico que tem o poder de embelezar, além de sua funcionalidade. A passarela que interliga as edificações promove uma caracterização do espaço enquanto fornece uma função primordial de circulação dentro do lugar, Figura 30.

Figura 30 - Passarela Dragão do Mar.



Fonte: Dicas de Fortaleza (2023)¹⁰

¹⁰ Disponível em <<https://dicasdefortalezaejeri.com.br/fortaleza/centro-cultural-dragao-do-mar-em-fortaleza/>>, acessado em 21 de agosto de 2023.

Construída com vigas pintadas na cor vermelho, a estrutura forma padrões geométricos que trabalham o efeito da continuidade. O resultado para quem a vê de fora é uma grande ponte flutuante que se assemelha a um dragão chinês. Para quem a vê por dentro é um túnel infinito gerado por uma ilusão de ótica ímpar e moderna, Figura 31.

Figura 31 - Vista interior da passarela metálica.



Fonte: Acervo Pessoal (2019).

Além dessas características, a passarela foi construída elevada utilizando grandes vigas metálicas, por isso proporciona a capacidade de vencer grandes vãos, e dessa forma, não há a necessidade de consumir grande quantidade de área do terreno. Além disso, por ser elevada, a circulação faz o melhor proveito da topografia natural do terreno, pois consegue ligar vários edifícios em diferentes alturas. Esses atributos podem ser adicionados a proposta como uma vantagem e como ferramenta de uso do espaço com inteligência.

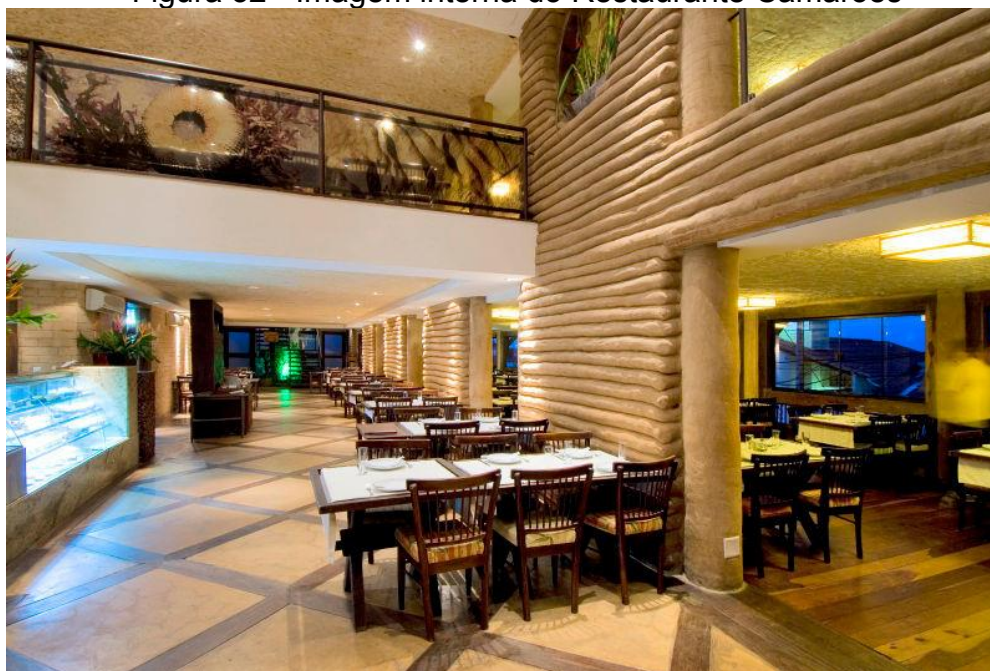
4.1.4 Camarões

Apesar desse edifício ter uma funcionalidade bastante diferente da proposta a ser desenvolvida, o restaurante carrega características da arquitetura regional nordestina que podem ser de grande proveito no desenvolvimento criativo do projeto do Centro, visto que uma das vertentes utilizadas é o regionalismo crítico. Essas

características serão aqui explanadas de forma otimizada considerando apenas os elementos que se se achou favorável na incrementação da proposta.

O projeto idealizado pela arquiteta Seridoense Viviane Teles e localizado no bairro Ponta Negra em Natal-RN, foi inaugurado em 2005 para abrigar o que viria a ser a terceira unidade da famosa franquia regional Camarões. Aplicando as técnicas de arquitetura vernacular e bioconstrução que estava estudando na época, Viviane projetou um edifício funcional que integra a sustentabilidade às características construtivas da região. Um exemplo disso são as paredes erguidas em super adobe e o piso em argila, que proporcionam grande valor no conforto térmico ao mesmo tempo em que utilizam materiais encontrados na região, com responsabilidade ambiental, ver Figura 32.

Figura 32 - Imagem interna do Restaurante Camarões



Fonte: Viviane Teles, portfólio de projetos ¹¹.

A pedra e a madeira são elementos chave que estão presentes de várias formas no restaurante, sendo uma referência eficiente para esta proposta. A pedra clara implementada em alguns pontos focais, na forma de revestimento harmoniza com a madeira escura encontrada em algumas esquadrias, painéis, móveis e na estrutura da cobertura do espaço externo, conforme Figura 33.

¹¹ Disponível em < <https://vivianetelesarq.wixsite.com/arquitetura/restaurantes> > Acesso em 28 de setembro de 2023.

Figura 33 - Detalhes do Restaurante Camarões



Fonte: Viviane Teles, portfólio de projetos ¹².

Outro ponto a ser destacado é o aproveitamento da iluminação e da ventilação natural que são agregados por meio das grandes aberturas e integração com espaços externos. É importante salientar que os espaços externos possuem coberturas mistas com o intuito de proteger da insolação direta durante o dia, porém não caracteriza o ambiente como fechado, ao invés disso reproduz terraços e varandas agradáveis.

Além disso o uso de plantas em vários pontos, ornam e trazem a natureza para dentro da edificação. Esses detalhes juntamente com a materialidade e elementos de decoração que remetem ao nordeste, como as luminárias e vedações de cabaças são características do regionalismo crítico associado ao design biofílico que embelezam e proporcionam funcionalidade ao projeto arquitetônico e por tanto, à proposta do Centro Cultural.

4.1.5 Síntese das Referências

Neste estudo de referências projetuais foram expostos vários atributos que tem a premissa da abordagem de projeto trabalhada na proposta deste trabalho, porém foram explanados de forma individuais e direcionadas. Por este motivo será resumido aqui na forma de quadro síntese os aspectos escolhidos relacionados em cada projeto para compor a ideia do Centro Cultural (ver Quadro 1).

¹² Disponível em < <https://vivianetelesarq.wixsite.com/arquitetura/restaurantes> > Acesso em 28 de setembro de 2023.

Quadro 1 - Quadro síntese das referências projetuais

Projeto		Referência adotada
Centro Cultural de Curitiba		Jogo de volumes Dimensionamento de espaços internos Soluções de conforto ambiental Uso de Iluminação e Ventilação Natural Integração com a Natureza
SESC Pompéia		Jogo de volumes Ligação entre os espaços Uso de Iluminação e Ventilação Natural Materialidade
Dragão do Mar		Ligação entre os espaços Soluções de conforto ambiental Uso de Iluminação e Ventilação Natural Integração com a Natureza
Camarões		Soluções de conforto ambiental Uso de Iluminação e Ventilação Natural Materialidade Regional Design Sustentável Integração com a Natureza

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para cada projeto foram listados os principais aspectos explorados em cada projeto, que ocasionalmente se repetem nos outros, sustentando e fomentando as características implementadas nesta proposta. Algumas são relacionadas a sua funcionalidade enquanto outras são relacionados a sua beleza, porém de certa forma, todas compõem e formam a ideia a ser transmitida e trabalhada.

4.2 Legislações

4.2.1 Plano Diretor

Por se tratar de um município com aproximadamente seis mil habitantes, São João do Sabugi ainda não possui um plano diretor. A cidade mais próxima que possui tal lei é Caicó-RN, distante à apenas 39km; porém o plano diretor mais recente de Caicó é datado de 2006, com informações obsoletas e que não

contribuiria para um projeto como este, em tempos atuais. Por este motivo, será utilizado o plano diretor de Jardim de Piranhas, a qual apresenta características semelhantes às da cidade em estudo, datado de 2014, como forma de direcionar legalmente a proposta.

A Lei Complementar nº002/2014, de 18 de dezembro de 2014, que institui o Plano Diretor Participativo do Município de Jardim de Piranhas, tem o intuito de estabelecer disposições a fim de implementar a abordagem de desenvolvimento do município. Esta lei orgânica é um instrumento que dispõe de regras e políticas sociais para o melhor ordenamento, planejamento e expansão urbana, vinculando ações tanto do poder público, quando do privado para melhor organização territorial e civil.

As principais diretrizes a seguir nesta lei são correspondentes a Taxa de Permeabilidade, Coeficiente de Aproveitamento e Recuos. Todos estes pontos são apresentados no Artigo 75, no Capítulo IV, referente aos Parâmetros para Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, do documento:

O inciso V, mostra que o Coeficiente de Aproveitamento é igual a 1,0, ou seja, as áreas construídas e cobertas das edificações devem ser iguais a área total dos lotes; sujeito a alteração para até 2,0 desta área, mediante utilização de instrumentos de política territorial.

Os incisos VI e VII expõem os recuos, transcrevendo que os frontais devem ter distância mínima de 3m, enquanto os laterais e de fundo devem ser no mínimo de 1,50m; porém para as edificações com gabarito superior a 6m deve-se atender a relação $A = 1,5 + h/10$, no qual “A” é a distância de recuo e “h” é a altura da edificação.

Por último, o inciso VIII, no mesmo artigo, exhibe a Taxa de Permeabilidade, a qual deve ter uma quantidade mínima de 20% da área total do lote; podendo ser reduzida ou suprimida se utilizada mecanismos de infiltração ou captação de águas pluviais que abrangem o volume de água necessário.

4.2.2 Código de Obras

Diferentemente do Plano diretor que consta prescrições mais gerais do lote ou do empreendimento, o código de obras apresenta regras da construção em si. São João do Sabugi também não conta com um código de obras que direcione legalmente um projeto ou a construção de um edifício; além disso não foi encontrado um código de obras vigente na cidade de Jardim de Piranhas, para seguir a mesma

linha de diretrizes. Por estes motivos, aqui será utilizado o código de obras de Caicó, visto que é a cidade mais próxima da cidade em estudo, que constitui em vigor tal documento mais recente.

O Código de Obras de Caicó, disposto na Lei Nº 4.722 / 2014, de 26 de setembro de 2014, decreta normas técnico-estruturais e funcionais para a execução de obras, bem como elaboração de projetos construtivos. Dentre essas normas algumas se sobressaem de forma a delimitar e orientar um projeto arquitetônico. As principais diretrizes que uma proposta como essa necessita levar em consideração se refere a questões como estacionamento, ambientes e taxas urbanísticas.

Para fins de ordenação e com o intuito de garantir conforto ambiental, térmico e acústico para os edifícios, o código de obras classifica os ambientes em dois grupos de acordo com sua necessidade de iluminação e ventilação natural. No "grupo A" estão os espaços que tem a necessidade dessas condições naturais pois são ambientes de maior permanência, de forma geral, e devem ter pé-direito e área mínima de 2,60m e 8m², respectivamente; no "grupo B" estão os espaços que não necessitam dessas condições naturais, pois são aqueles com pouco tempo de permanência, e devem apresentar pé-direito e área mínima de 2,60m e 4m², respectivamente; por último o "grupo C" abrange os espaços com as funções dos outros dois grupos e apresentam ainda suas características próprias, conforme sua finalidade.

O código também estipula as prescrições urbanísticas, de forma adicional, para garantir a melhor ocupação do solo, como as taxas de ocupação, taxa de impermeabilização e os recuos. Quanto a taxa de ocupação, para os terrenos com área igual ou superior a 200m², é considerado 80% para os pavimentos térreo, subsolo e 2º pavimento. Sobre a taxa de impermeabilização, será permitida até 90% da área do lote.

Para todos os terrenos, os recuos são os mesmos, apresentados no Quadro 2 para melhor entendimento. Uma observação importante é que não é permitido o avanço de saliências ou balanços sobre a área de recuos laterais, exceto beirais de até 0,60m. Nos recuos frontais são permitidos marquises e coberturas similares de até 1,50m e guaritas, depósitos de gás e lixo e subestações, desde que sua área não ultrapasse 30% da área do recuo. Além disso, os passeios devem ter uma largura mínima de 2,20m e possuir rampas de acesso nas faixas de travessia atendendo as exigências da NBR 9050.

Quadro 2 - Quadro de prescrições urbanísticas do Código de Obras.

RECUO	GABARITO DE ATÉ 9M	GABARITO DE ATÉ 12M	GABARITO ACIMA DE 12M
Frontal	-	2,00m	2,00m + 1/10 da altura que exceder o gabarito
Lateral	Não obrigatório	1,50m	1,50m + 1/10 da altura que exceder o gabarito
Fundo	Não obrigatório	1,50m	1,50m + 1/10 da altura que exceder o gabarito

Fonte: Código de Obras de Caicó-RN, adaptado pela autora (2023).

É obrigatório a oferta de estacionamento em locais de uso público e privado de uso coletivo, sendo calculado de acordo com a capacidade populacional do estabelecimento. Esses estacionamentos devem ter vagas reservadas para idosos e para pessoas com deficiência conforme legislação. Nos estacionamentos coletivos é necessário ter uma área de acumulação e manobra de veículos com no mínimo 3% de sua capacidade. Essa área de manobra e acumulação podem abranger as rampas e faixas de acesso, contanto que possuam a largura mínima de 5,50m. O documento ainda apresenta as dimensões das vagas de acordo com o tipo de veículo e a largura da faixa de acesso; por exemplo para veículos de médio porte (considerado aqui para fins de generalização) a largura e o comprimento da vaga devem ser de 2,50m e 5,00m, respectivamente, e a faixa de acesso, se a vaga for de 0 a 45°, deve ter 2,75m ou 5m se a vaga tiver angulação de 46 a 90°. O código destaca ainda que em estacionamentos descobertos e com área superior a 50m² o piso pode ser de material drenante, se estiver em pavimento que se apoie diretamente no solo; contando assim como área permeável.

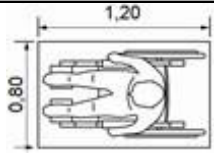
O documento também ressalta algumas medidas de segurança para que o projeto tenha acessibilidade, como largura de acessos e de circulações, porém assegura que sejam seguidas previamente as normas específicas, como a NBR 9050.

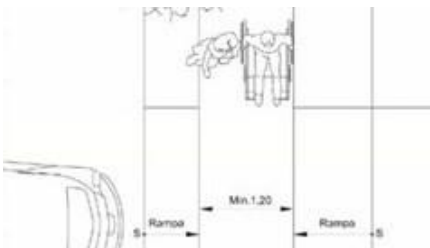
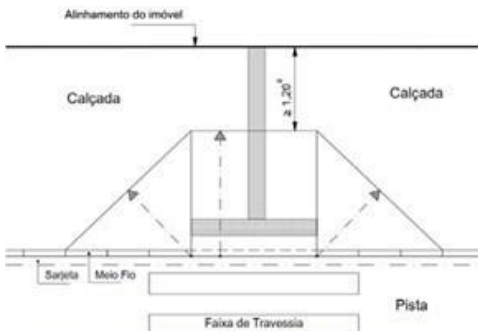
4.2.3 Acessibilidade

Um ponto importante a ser trabalhado é a questão da acessibilidade; qualquer projeto arquitetônico além de carregar a funcionalidade em concordância com a beleza, também deve ser, com o mesmo grau de importância, acessível. Um espaço construído, principalmente de ordem pública deve garantir o acesso de qualquer pessoa, para isso existem normas que pontuam todos os detalhes que podem ser adicionados em um projeto para se obter a inclusão social. A principal e mais recente norma que carrega essas informações é a NBR 9050 2020 da ABNT, ela estabelece os parâmetros técnicos que devem ser observados e implementados nos projetos, nas construções, e nas edificações quanto as condições de acessibilidade, e será considerada aqui para orientar a proposta quanto a essas condições.

Para facilitar o entendimento e organizar as diretrizes, as informações serão aqui apresentadas na forma de tabela. O autor Kelvin Ferreira (2023) elaborou um quadro como este da forma mais clara, em sua monografia, e por isso será utilizado aqui, ver Quadro 3.

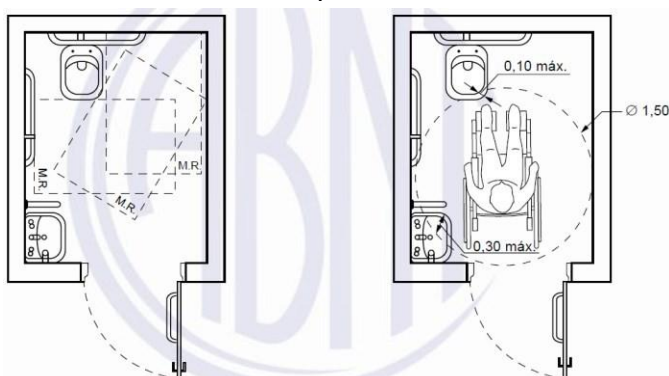
Quadro 3 - Diretrizes de Acessibilidade.

ITEM	DIRETRIZ
Dimensões do Módulo de referência (MR)	
Rota acessível	- As áreas de qualquer espaço ou edificação de uso público ou coletivo devem ser servidas de uma ou mais rotas acessíveis; - A rota acessível externa incorpora estacionamentos, calçadas, faixas de travessia de pedestres (elevadas ou não), rampas, escadas, passarelas e outros elementos da circulação; desníveis de qualquer natureza devem ser evitados em rotas acessíveis.
Rampas	- São consideradas rampas às superfícies de piso com declividade igual ou superior a 5%; - Fórmula para cálculo de inclinação: $i = h \times 100 / c$; i = Inclinação, h = altura, c = comprimento - Largura livre de no mínimo 1,20 m; - Toda rampa deve possuir corrimão de duas alturas em cada lado.
Dimensões mínimas da calçada	- Faixa de serviço: acomodar mobiliário, canteiros, árvores, poste de iluminação ou sinalização. Largura mín.: 0,70 m; - Faixa livre ou passeio: destinado à

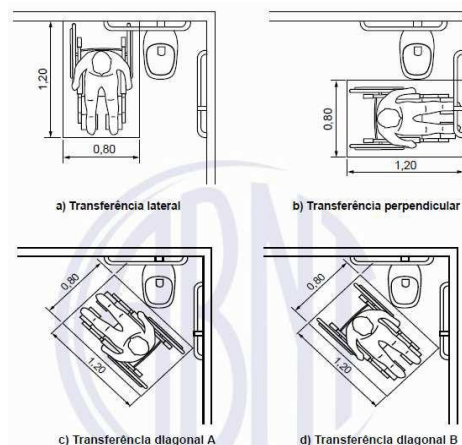
	circulação de pedestres. • Largura mín.: 1,20 m e altura livre: 2,10 m; • Faixa de acesso: espaço de transição entre a área pública e o lote, considerada apenas em calçadas com largura superior a 2,00 m
Acesso do veículo ao lote	• Rampas somente nas faixas de serviço e de acesso. 
Circulação e piso	• Revestimento: devem ter superfície regular, firme, estável e ser antiderrapante; • Inclinação da superfície: para pisos externos – até 3%; • Desníveis: devem ser evitados em rotas acessíveis.
Rebaixamento de calçadas	• A largura do rebaixamento deve ser no mínimo de 1,20 m, deixando a faixa livre de circulação de pedestres (1,20 m). 
Condições das vagas	• Tipos de vagas reservadas: Idosos e pessoas com deficiência; • As vagas para estacionamento para idosos devem ser posicionadas próximas das entradas, garantindo o menor percurso de deslocamento; • Pessoas com deficiência: as vagas devem contar com um espaço adicional de circulação com no mínimo 1,20 m de largura, quando afastadas da faixa de travessia de pedestres. Esse espaço pode ser compartilhado por duas vagas

Sanitários, banheiros e vestiários

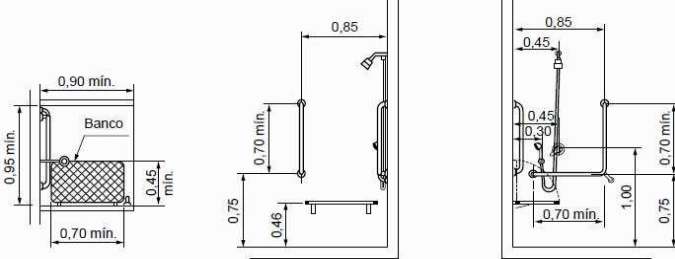
- Devem estar locados em rotas acessíveis próximas a circulação principal e às demais instalações sanitárias, sendo devidamente sinalizados;
- Recomenda-se que a distância máxima a ser percorrida até o banheiro acessível seja de até 50 m;
- Possuir entrada independente dos demais;
 - Para edificações de uso privado serem construídas, o menor número obrigatório de sanitários acessíveis é de 5% do total de cada peça sanitária (com no mínimo um onde houver sanitários);
- O box deve possuir dimensões que permitam o giro de 360°, bem como as áreas necessárias para as transferências;



- As barras de apoio são necessárias para garantir o uso com segurança e autonomia;
- Bacias e assentos sanitários acessíveis não podem possuir abertura frontal;
 - Devem ser previstas as áreas de transferência durante a instalação da bacia sanitária:



- O lavatório tem de permitir a aproximação de uma pessoa em cadeira de rodas;
- O box comum deve ter o vão livre mínimo de 0,80 m e possuir uma área livre interna de 0,60 m. Sendo recomendado portas com abertura para fora caso seja necessário prestar socorro;
- É recomendável o uso de pelo menos um mictório em cada sanitário, tendo este que permitir a aproximação frontal de pessoas com mobilidade

	reduzida; - Os acessórios sanitários devem estar dispostos a uma faixa de alcance entre 0,80 m e 1,20 m; - Em boxes de chuveiros deve-se prover banco articulado ou removível; - Boxes de chuveiro tem de atender a dimensão mínima de 0,90 m x 0,95 m; Necessitam de barras de apoios e comandos em distâncias/alturas confortáveis:  Devem ser seguidas todas orientações disponibilizadas quanto a dimensões, instalações, manutenções e uso dos elementos mencionados na norma.
--	--

Fonte: PABLO, Kelvin (2023), adaptado pela autora (2023)

Vale salientar que todas essas diretrizes, foram pensadas e incrementadas no decorrer do processo de acordo com sua necessidade. Dessa forma deve-se encontrar elementos da norma em cada etapa presente no projeto, de forma que garante a acessibilidade. Porém, devido ao nível de elaboração do projeto, outros elementos não são exibidos no detalhamento, mesmo que sejam contemplados.

4.2.4 Normas de Segurança contra Incêndio

Em um projeto construtivo é necessário seguir algumas etapas para determinar os elementos e/ou equipamentos mínimos obrigatórios relacionados ao combate e à segurança contra incêndio. No estado do Rio Grande do Norte, o corpo de bombeiros em colaboração com o governo estadual, disponibiliza um conjunto de diretrizes conhecidas como Instruções Técnicas (IT's). Estas se aplicam tanto a edifícios já existentes quanto àqueles que ainda serão construídos. Cada uma dessas IT's aborda tópicos específicos, com o objetivo de esclarecer de maneira abrangente as recomendações para sua implementação.

Na primeira parte da IT 01/2022, encontra-se uma lista com as classificações dos edifícios e das áreas de risco de acordo com seu uso, ocupação área construída, entre outros aspectos. De acordo com a tabela, a proposta desenvolvida se enquadra em dois grupos principais, devido ao seu programa. O grupo E, mais

especificamente a divisão E-2, que engloba as escolas especiais e o grupo F, mais especificamente as divisões F-1 e F-5, que abrangem museus, bibliotecas galerias e semelhantes e auditórios, respectivamente.

Em seguida, é necessário fazer uma caracterização quanto a carga de incêndio (definida na IT 14/2022), indicando seu grau de risco (definido na IT 01/2022), para se obter as exigências mínimas que a edificação deve contemplar. Como a proposta apresenta vários usos de acordo com o programa de necessidades a ser explanado a seguir foi desenvolvido uma tabela que expõe todas as cargas de acordo com os grupos estabelecidos previamente (Quadro 4).

Quadro 4 - Classificação das cargas e riscos de acordo com os usos.

Ocupação/Usos	Descrição	Divisão	Carga	Risco
Educacional	Escola especial	E-2	300 MJ/m ²	Baixo
Locais de Reunião de Público	Museu	F -1	300 MJ/m ²	Baixo
	Biblioteca	F -1	2000 MJ/m ²	Alto
	Auditório	F-5	600 MJ/m ²	Médio

Fonte: Anexo único das Instruções Técnicas Nº 01/2022 e Nº 14/2022 (CBMRN).

Adaptado pela autora (2023).

A partir desses dados foi possível gerar outra tabela (Quadro 5) com os elementos exigidos pelo corpo de bombeiros de acordo com a carga e o risco relacionados aos usos da edificação proposta. Além da carga e do risco, dados como gabarito e área da edificação também se fazem necessários.

Quadro 5 - Exigências do CBRN de acordo com o grupo de classificação da edificação.

Medida de segurança	Grupo E	Grupo F	
		F-1	F-5
Acesso de Viatura na Edificação	X	X	X
Segurança Estrutural contra Incêndio	X	X	X
Compartimentação Horizontal ou de áreas	-	-	X
Compartimentação Vertical	-	-	-
Controle de Materiais de Acabamento	X	X	X
Saídas de Emergência	X	X	X

Gerenciamento de Risco de Incêndio	-	X	X
Brigada de Incêndio	X	X	X
Iluminação de Emergência	X	X	X
Deteção de Incêndio	X	X	X
Alarme de Incêndio	X	X	X
Sinalização de Emergência	X	X	X
Extintores	X	X	X
Hidrantes e Mangotinhos	X	X	X
Chuveiros Automáticos	-	-	-
Controle de Fumaça	-	-	-

Fonte: Anexo único da Instrução Técnica N° 14/2022 (CBMRN).

Adaptado pela autora (2023).

Algumas dessas medidas de segurança são necessárias serem mais aprofundadas, para melhor desenvolvimento da proposta. Um exemplo disto são as saídas de emergência que, segundo a IT N°11/2022 são compreendidas pelos acessos ou corredores, rotas de saídas, escadas ou rampas, descarga e elevador de emergência; que são empregados de acordo com a complexidade e o risco do edifício. Algumas prescrições básicas são definidas previamente visto que impactam na elaboração do projeto, como as larguras das saídas que são calculadas de acordo com a unidade de passagem (UP), a população e a ocupação do ambiente (Quadro 6).

Quadro 6 - Capacidade de Unidade de Passagem (UP), de acordo com a população de cada grupo.

Ocupação		População	Capacidade		
Grupo	Divisão		Acessos/ Descargas	Escadas/ Rampas	Portas
E	E-2	Uma pessoa por 1,50 m ² de área de sala de aula	100	75	100
F	F-1	Uma pessoa por 3 m ² de área	100	75	100
	F-5	Uma pessoa por m ² de área	100	75	100

Fonte: Anexo único da Instrução Técnica N° 11/2022 (CBMRN).

Adaptado pela autora (2023).

Com esses dados e as áreas estipuladas pelo pré-dimensionamento dos ambientes, têm-se os números de unidade de passagem que são fixados em 0,55m, e a partir deles são calculadas as larguras mínimas das saídas de emergência. Dessa forma têm-se que para o grupo E, as larguras mínimas dos acessos, descargas e portas para são de 1,20m, e das escadas e rampas são de 1,65m; já para o grupo F-1 as larguras mínimas de todas as saídas são de 1,20m; por último as larguras mínimas para o grupo F-5 são de 1,65m para os acessos, descargas e portas e de 2,20m para as escadas e rampas.

4.3 Conceito e Partido

Assim como toda obra de arte a ser criada necessita de uma inspiração, em um projeto arquitetônico não seria diferente. A ideia de proposta é formada a partir de conceitos e partidos, seja diretamente ou indiretamente; e mencionar isso torna o empreendimento mais especial e rico. Por isso, se baseando nos estudos de referência de projetos e na compreensão de design biofílico e regionalismo crítico, em concordância com o local escolhido como sítio para a proposta, elaborou-se o conceito com a ideia de criar um espaço moderno que carregasse a história cultural do município e evidenciasse a arte na forma de edifício. Ao mesmo tempo, a proposta implementa elementos da natureza na forma de design biofílico e apresentaria aspectos da história construtiva do lugar.

Para conquistar o conceito de moderno em concordância com a história cultural, foi definido como partido as artes plásticas e a caracterização construtiva do lugar. As artes plásticas se instalam com o jogo de cores, volumes e elementos escultóricos dispostos no desenho irregular do terreno escolhido, enquanto a memória é incrementada com os traçados simples e tectônica utilizada comumente no lugar, com os cobogós, grandes aberturas, revestimento em pedra, molduras nas esquadrias, além do uso da vegetação como buganvilas, carnaúba e caraibreiras. Esses elementos encontrados em boa parte da história construtiva da cidade foram implementados no projeto de forma sutil e ainda funcional.

4.4 Programa de Necessidades e Pré-dimensionamento

O programa de necessidades foi elaborado através das entrevistas e do questionário aplicado com a população com o intuito de proporcionar um espaço que melhor atendesse a demanda da cidade. Com o programa estabelecido, foi possível

traçar um dimensionamento com as estimativas das áreas mínimas de cada tipo de ambiente, levando em consideração sua função, número de usuários, conforto, layout e usabilidade. Para a estimativa espacial, foram consideradas as características dos ambientes dos estudos de referência projetuais e separadas em tipos de demanda.

Além do Auditório e do Centro de Ensino que seriam a proposta inicial, também foi identificada a necessidade de implementar um espaço para vendas das Artes e Artesanatos produzidos pelos moradores, a secretaria de arte e cultura que atualmente se encontra em edifício inapropriado, o museu da cidade e a biblioteca Francisco Quinino, que apesar de carregar o acervo histórico do município se encontra desativada por falta de espaço físico. A partir disso foi organizado o programa de necessidades em concordância com o dimensionamento, expostos no Quadro 7.

Quadro 7 - Dimensionamento de ambientes.

AMBIENTE		ÁREA MÍNIMA ESTIMADA	QUANTIDADE	ÁREA TOTAL
Auditório	Recepção	50m ²	1	50m ²
	Auditório (200 pessoas)	250m ²	1	250m ²
	Camarins	15m ²	2	30m ²
	Sala de áudio e vídeo	20m ²	1	20m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²
	Depósito	18m ²	1	18m ²
Centro de Desenvolvimento Artístico	Recepção	50m ²	1	50m ²
	Sala de reuniões	30m ²	1	30m ²
	Sala de Música	30m ²	3	90m ²
	Sala de Teatro	30m ²	3	90m ²
	Sala de Dança	30m ²	2	60m ²
	Sala de Pintura	25m ²	2	50m ²
	Sala de Artes Plásticas	25m ²	3	75m ²
	Sala Multiuso	25m ²	2	50m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²
	Depósito	20m ²	2	40m ²
	Pátio de apresentações	150m ²	1	150m ²

Secretaria de Cultura	Recepção	15m ²	1	15m ²
	Gabinete do secretário de cultura	15m ²	1	15m ²
	Sala dos coordenadores	20m ²	1	20m ²
	Sala de reuniões	30m ²	1	30m ²
	Depósito	30m ²	1	30m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²

Museu Sabugiense	Recepção	50m ²	1	50m ²
	Sala de Exposição	100m ²	1	100m ²
	Sala de apoio	20m ²	1	20m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²

Centro de Vendas de Artes Sabugienses	Quiosques de venda	10m ²	10	100m ²
	Quiosques de alimentação	15m ²	3	45m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²

Biblioteca Francisco Quinino	Recepção	15m ²	1	15m ²
	Acervo da biblioteca	150m ²	1	150m ²
	Sala da Administração	15m ²	1	15m ²
	Banheiro	18m ²	2	36m ²

Outros	Estacionamento	12,5m ² por vaga	60	750m ²
--------	----------------	-----------------------------	----	-------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A definição do pré-dimensionamento dos ambientes foi de grande importância para dar início à organização do projeto arquitetônico. Com ele tornou-se mais fácil a compreensão do tamanho do terreno em relação aos espaços que deveria conter e a projeção das zonas apontadas.

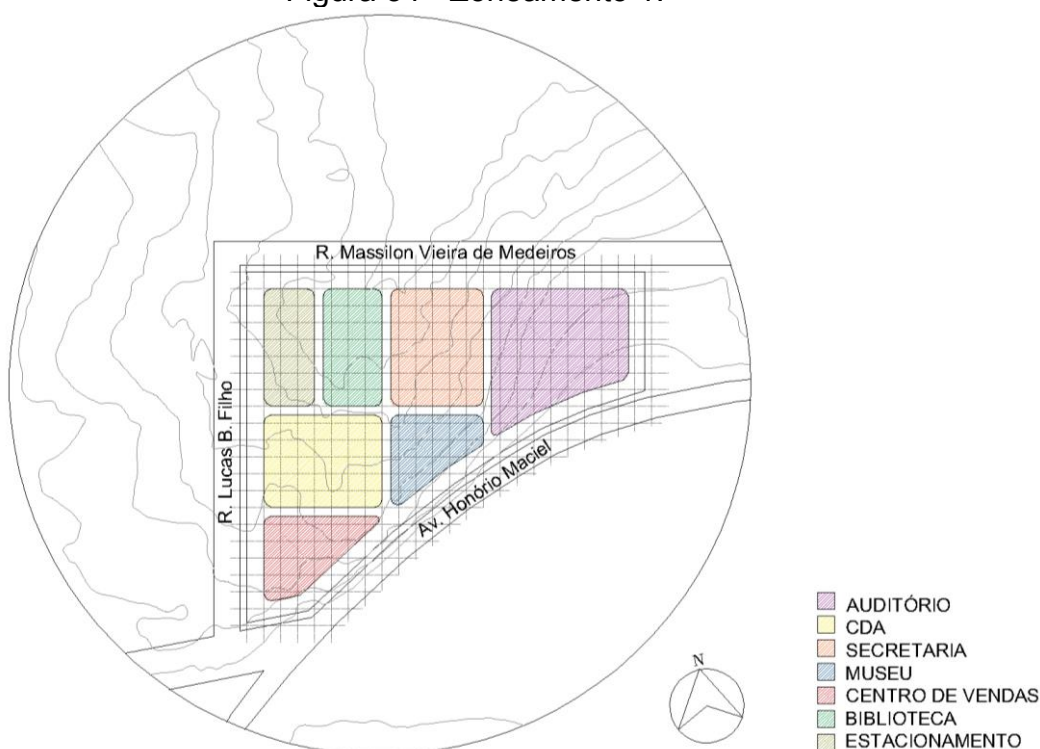
4.5 Zoneamento e Volumetria

O zoneamento foi iniciado a partir das definições dos tipos de demandas propostos no programa de necessidades. Dessa forma foram considerados 7 zonas, sendo elas: Auditório, CDA (Centro de Desenvolvimento Artístico), Secretaria de Arte

e Cultura, Museu Sabugiense, Centro de Vendas de Artes e Artesanatos, Biblioteca Francisco Quinino e Estacionamento.

Em seguida, para facilitar o lançamento das bolhas de zonas foi elaborado uma malha de 5x5m em todo o terreno. Levando em conta as características físicas e bioclimáticas do terreno e do entorno, bem como afim de proporcionar o melhor fluxo de circulação entre as zonas, um zoneamento foi lançado nessa malha, observado na Figura 34 abaixo.

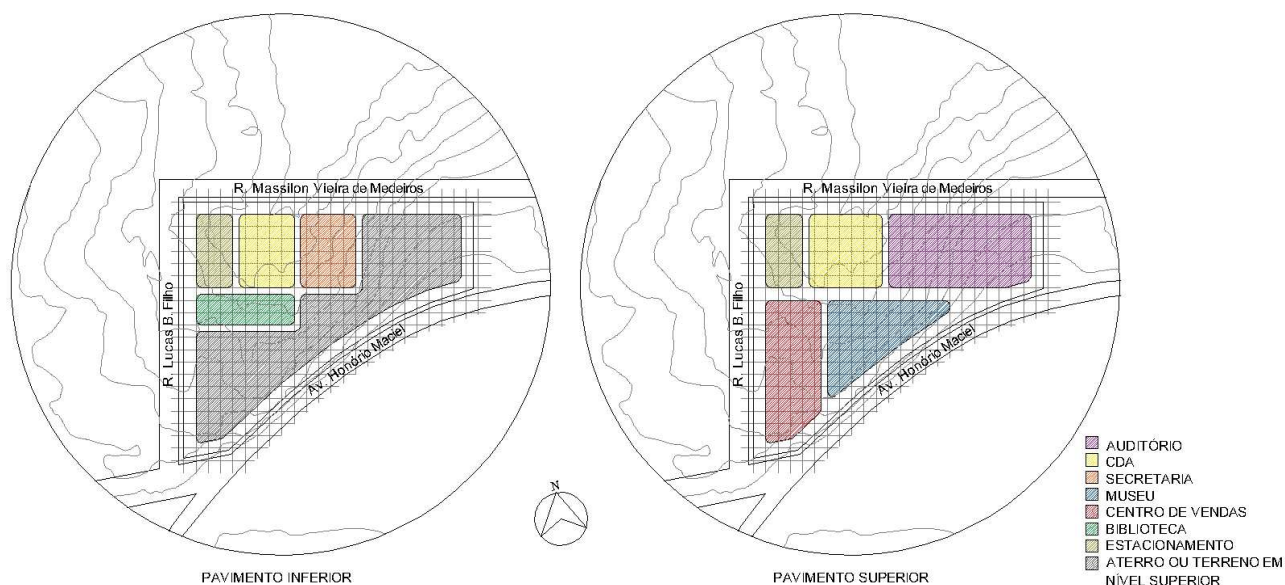
Figura 34 - Zoneamento 1.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Porém percebeu-se que a topografia do terreno poderia gerar empecilhos na proposta. Além disso o desnível seria mais bem trabalhado se dividisse o zoneamento em dois pavimentos, visto que faria maior aproveitamento do espaço e facilitaria no desenvolvimento do projeto. Assim, foi elaborado outro zoneamento, a partir do anterior, da malha definida e das linhas topográficas, mostrado na Figura 35.

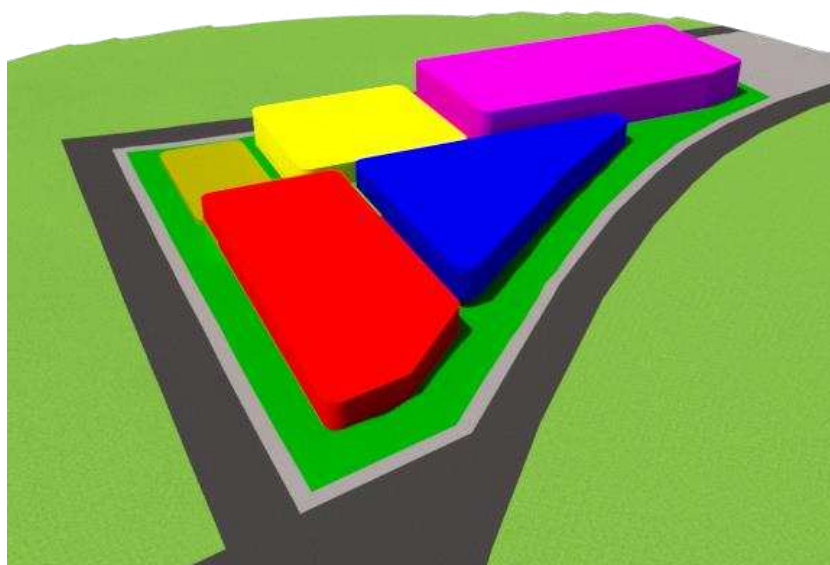
Figura 35 - Zoneamento 2.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

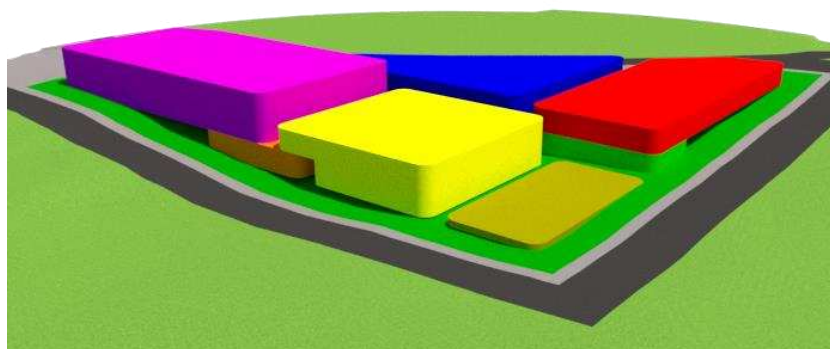
Estabelecido o zoneamento, partiu-se para o estudo volumétrico afim de visualizar a espacialidade do formato desenvolvido até aquele momento. Por meio de blocos, utilizando um software 3D, foi construído o terreno com a sua topografia aproximada e adicionado os blocos para cada zona. As alturas de cada bloco foram definidas empregando as dimensões básicas de pé direito para tipo de ambiente, ver imagens Figura 36 e Figura 37, abaixo.

Figura 36 - Primeira Volumetria, vista 1.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 37 - Primeira volumetria, vista 2



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com o resultado obtido nesse primeiro estudo volumétrico foi possível identificar um panorama do desenvolvimento da forma; porém como estava bastante inicial decidiu-se aprimorá-la para dar continuidade ao processo. A intenção inicial da proposta era construir uma edificação única que abrigasse todos os espaços necessários, porém que revelasse que ali abarcaria várias funções em um só lugar. Dessa forma se manteve os blocos distintos, mas de forma mais unificada; e para permanecer essa distinção foi trabalhado um jogo de alturas distintas para cada deles.

Mesmo ligando os volumes diretamente, percebeu-se a necessidade de um elemento sólido que os conectasse. Fazendo menção a passarela que liga todos os edifícios no projeto do Dragão do Mar, estudado nas referências projetuais, foi adicionado um elemento escultórico em todo o perfil da fachada Sul, porém na forma de cobertura. Como o lado Sul recebe menos insolação durante o ano, foi possível utilizar uma cobertura mista na forma de caramanchão: cheia em alguns locais de entradas e vazada em outros locais para evidenciar a plasticidade, identificada na Figura 38, abaixo.

Figura 38 - Segunda Volumetria.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Essa volumetria serviu como base para o desenvolvimento das propostas de plantas baixas, porém foi evoluída à medida que as plantas baixas também eram desenvolvidas. Um exemplo disto são as entradas e rasgos verticais, que não teria sido possível serem adicionados se não soubesse antes a organização dos ambientes dentro do edifício.

4.6 Evolução da Proposta

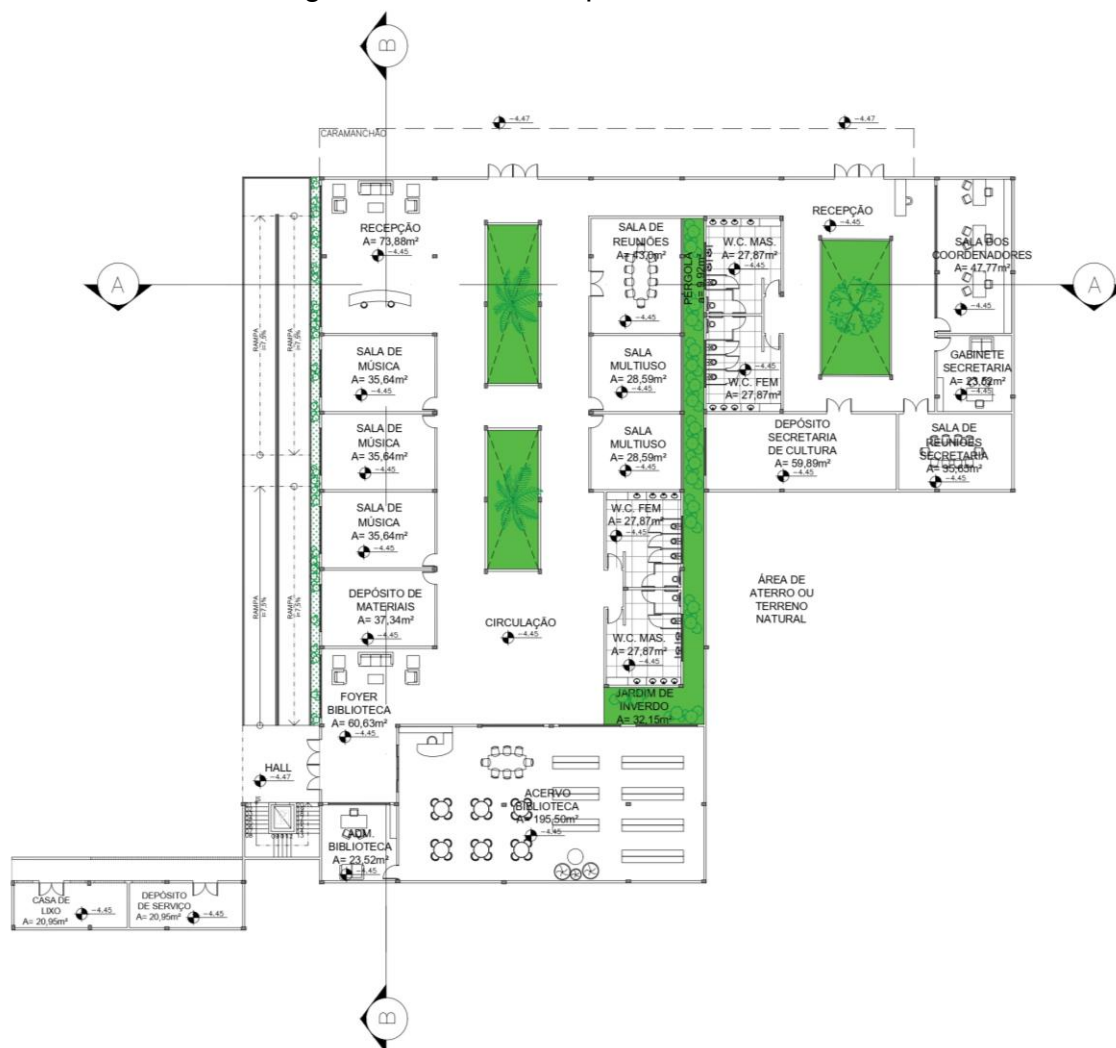
O presente tópico transcreve a evolução das plantas baixas e a relação dos ambientes dentro do terreno. Também é explicado aqui a desenvoltura do projeto, ou seja, o que abrange tecnicamente a proposta do trabalho para melhor classificação e esclarecimento quanto a escolha do seu nível de detalhamento.

Devido ao tamanho extenso do programa abordado, escolheu-se produzir um conteúdo básico de forma que explanasse a ideia principal, mas que otimizasse o tempo do processo. Por isso, achou-se razoável realizar o trabalho a nível de estudo preliminar, que contempla todas as etapas necessários ao mesmo tempo que não exige pormenores mais rígidos. De acordo com a norma de Representação de Projeto de Arquitetura mais atual, NBR 6492 de 2021, o estudo preliminar de um projeto inclui a planta de implantação, plantas baixas de todos os pavimentos, cortes gerais (longitudinal e transversal), elevações e opcionalmente um memorial justificativo.

Todos esses documentos gráficos foram desenvolvidos de acordo com sua necessidade e importância, simultaneamente ao progresso da proposta. Assim seguindo a volumetria e o zoneamento, previamente elaborados, e utilizando os dados do pré-dimensionamento, partiu-se para a implantação dos espaços no terreno e a divisão das salas dentro de cada bloco, com o intuito de preparar a planta de implantação e as plantas baixas. Visando uma relação funcional entre os ambientes, criou-se pátios nos volumes maiores, de forma que desse acesso para cada sala ao mesmo tempo em que criava a circulação horizontal e a conexão com as outras zonas.

O pavimento superior que conta com o auditório, o museu, o centro de vendas e uma parte do centro de ensino, foi elaborado inicialmente de forma que tivesse o melhor aproveitamento da área do terreno e respeitasse os recuos permitidos, os índices de permeabilidade e taxa de ocupação, visto que seu gabarito implicaria na

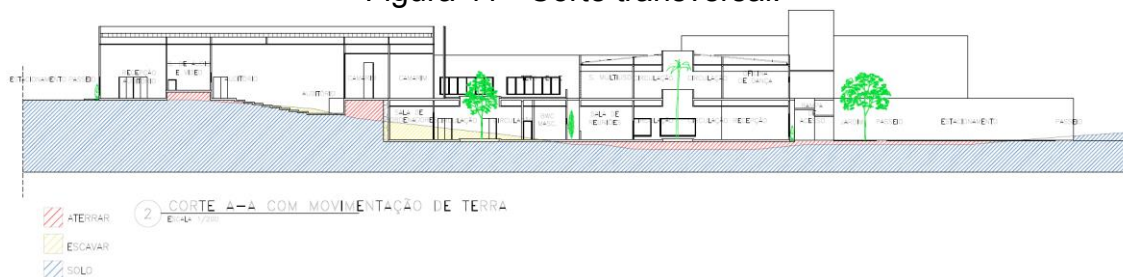
Figura 40 - Planta do pavimento inferior.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

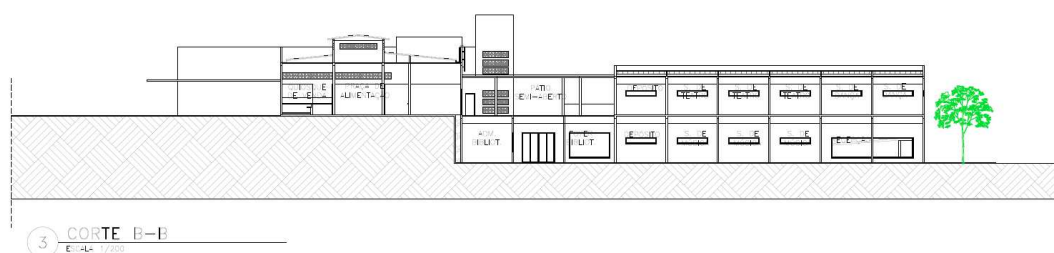
Com as plantas baixas e de implantação definidas, partiu-se para a elaboração da planta de cobertura, que identifica as águas, localização das caixas de água, lajes técnicas, relação com as aberturas zenitais e telhados verdes. Em seguida foram desenvolvidos um corte transversal e um longitudinal (Figura 41 e Figura 42) que mostra os principais elementos de adequação climática, de vedação, as alturas necessárias, e o aproveitamento da topografia, citados no decorrer deste trabalho.

Figura 41 - Corte transversal.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 42 - Corte longitudinal.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por fim produziu-se a maquete eletrônica e as elevações que foram de grande importância para ilustrar a ideia do projeto. Esses detalhamentos evidenciaram as relações de cheios e vazios, de alturas entre cada bloco e a materialidade dos revestimentos, bem como a expressão do regionalismo crítico e do design biofílico na arquitetura do edifício.

4.7 Estratégias de conforto bioclimático

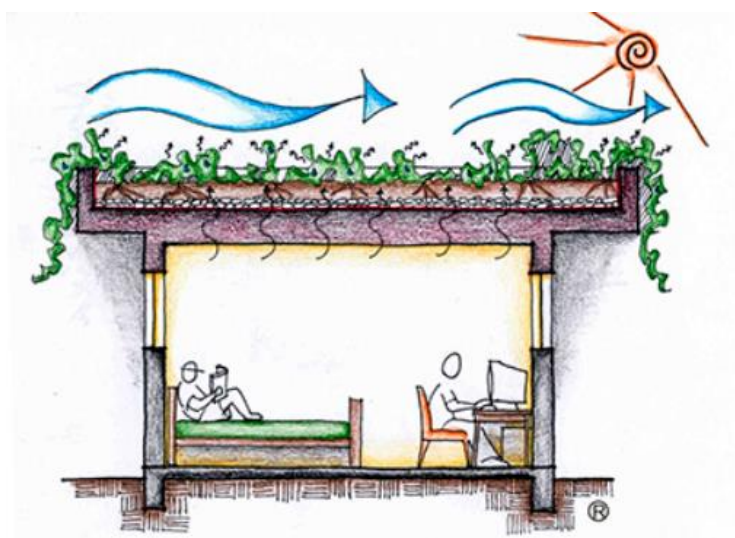
Com o estudo bioclimático, anteriormente apresentado, percebeu-se que o terreno está inserido em uma região de aspecto quente e seco na maior parte do ano. Os estudiosos Oscar Corbella e Simos Yannas explicam as características que um ambiente deve ter para ser confortável, quando dizem que “uma pessoa está em um ambiente físico confortável quando se sente em neutralidade com relação a ele” (Corbella e Yannas, 2009, p. 32). Dessa forma um ambiente com conforto térmico deve apresentar propriedades neutras, ou seja, nem quente e nem fria, nem úmida e nem seca.

Sendo assim foi pensado em estratégias que amenizassem os aspectos encontrados. Um exemplo disto são os elementos construtivos que permitem a entrada de ar ao mesmo tempo em que barram a entrada direta da luz solar dentro

dos ambientes. Por isso foram implementados na fachada leste do centro de vendas faixas de cobogós, visto que são as que recebem maior índice de ventilação, de acordo com o estudo bioclimático. Ao mesmo tempo, também foram incrementadas as mesmas faixas na fachada oeste de maneira que gere uma ventilação cruzada.

Outra estratégia utilizada foi o uso de telhado jardim, que além de interceptar a radiação recebida e amenizar a absorção de calor vista nas coberturas comuns, também podem gerar um resfriamento evaporativo dissipando o calor durante o verão, conforme aborda a plataforma Projeteer, na Figura 43.

Figura 43 - Exemplo de estratégia de teto jardim.



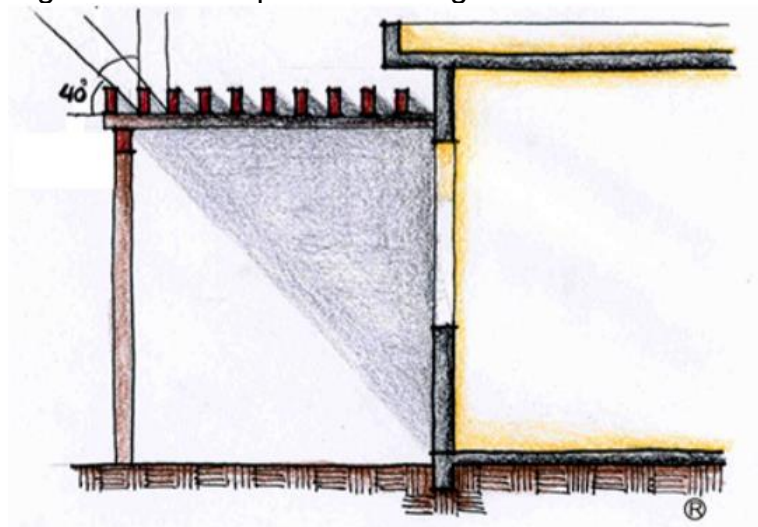
Fonte: Projeteer (2023), adaptado pela autora (2023).

Além disso, outra estratégia importante empregada na proposta foi uso de vegetação e integração com a natureza em vários pontos estratégicos que geram um microclima agradável tanto para o edifício quando para o seu entorno. A inserção de plantas nativas nas áreas verdes do entorno da implantação e nos pátios internos carrega a funcionalidade desta técnica, bem como promover a ventilação de cima para dentro dos ambientes, e o aproveitamento da iluminação natural sem a insolação direta em seu interior.

Por último as táticas de sombreamento também foram abordadas de forma a proteger as aberturas da entrada direta do sol. A implementação de marquises, pérgolas e o uso do cogobó foram realizadas em todas as fachadas, de forma a unificar o projeto e proteger os rasgos (ver exemplo na Figura 44). A rampa de acesso ao pavimento superior, além de sua funcionalidade principal e de se

apresentar como elemento escultórico, também imprime essa técnica de sombreamento das aberturas da fachada oeste do centro de ensino.

Figura 44 - Exemplo de estratégia de sombreamento.



Fonte: Projeteeee (2023), adaptado pela autor (2023).

É evidente que essas estratégias delineadas para abordar os aspectos de sustentabilidade e controle térmico contribuem significativamente para o bem-estar dos ocupantes da construção, desde que sejam implementadas de maneira adequada. Essas estratégias estão intrinsecamente ligadas a escolhas construtivas que podem ter um impacto considerável no resultado do projeto arquitetônico.

4.8 Condicionantes legais

Na sessão 4.2 deste texto foram abordadas as legislações estudadas que funcionam como partido legal para a elaboração do projeto. Porém, para maior clareza do cumprimento destas, aqui serão expostas as áreas e índices que o projeto atingiu.

Como citado anteriormente, a cidade não possui leis urbanísticas que orientam as construções e reformas, por isso foram utilizadas as legislações de municípios próximos. Apesar das várias semelhanças, devido a distinção de localidades, há pequenos desencontros entre o plano diretor de Jardim de Piranhas e o Código de Obras, dessa forma aqui foram mesclados os índices de maneira há conciliar e orientar uma proposta que garantisse maior satisfação ao meio ambiente e ao entorno.

Quadro 8 - Áreas e índices urbanísticos.

PRESCRIÇÃO	LEGISLAÇÃO	PROJETO
Área do terreno	-	8011,96m ²
Área Construída	-	5496,25m ²
Taxa máxima de Ocupação máxima	80% (6409,56m ²)	45% (3638,76 m ²)
Taxa mínima de Permeabilidade	20% (1602,39m ²)	52,19% (4181,6 m ²)
Coeficiente de Aproveitamento	1,0	0,69
Recuo mínimo Frontal	4,40m	5,92m
Recuo mínimo Lateral	3,90m	9,90m
Recuo mínimo Fundo	3,90m	10,00m

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Os cálculos de acordo com a área do terreno, área construída e o gabarito final da edificação formam os regulamentos a serem seguidos pelo projeto. Conforme apresentado no Quadro 8, as prescrições urbanísticas de orientação legal da proposta foram atingidas com êxito, cumprindo a função social e garantindo a segurança do meio ambiente e da população.

4.9 Proposta

Com o intuito de desenvolver uma edificação que abrangesse todas as necessidades da população sabugiense, bem como implementar os conceitos estudados para incrementar sustentabilidade e remeter a rica memória artística e cultural da cidade ao projeto, foi realizado o estudo preliminar da Casa das Artes-Sabugi. Um lugar público, de classificação institucional, onde se desenvolve, guarda e expõe as tradições do município, bem como auxilia na trajetória cultural de São João do Sabugi, expressando sua história e desenvolvendo-a em vários aspectos.

O jogo de volumes e as cores trabalhadas de forma harmonizada com a tectônica e os elementos regionais característicos proporcionam a plasticidade e a memória buscada no partido (Figura 45). As áreas verdes e fachadas com grandes aberturas convidam a população transeunte a fazer uso da edificação de forma mista

e propiciam um lugar aconchegante e agradável que remete a natureza em meio da cidade.

Figura 45 - Casa das Artes - Perspectivas.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

O design biofílico foi implementado por meio do aproveitamento da iluminação e ventilação natural, do uso de vegetação nos espaços internos e externos, bem como nos tetos jardins, nas cores e materiais que remetem a natureza, como madeira e a pedra, empregados nas fachadas. Tais materiais também são aspectos do regionalismo crítico implementado, juntamente com outros elementos, como o cobogó e as vegetações nativas, comumente encontradas em edificações do município e da região Seridó. Vale ressaltar que o aproveitamento da luz natural foi aplicado de forma reduzida nas fachadas de maior insolação, em comparação com as outras, para controle do conforto térmico. Esse cumprimento foi exercido por meio do uso de marquises, caramanchões e menores aberturas, para que ainda assim houvesse ventilação e a entrada mínima de luz natural, ver Figura 46 e 47.

Figura 46 - Casa das Artes - Perspectiva externa.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

O aproveitamento da topografia e formato do terreno como partido para disposição da edificação final promove a economia construtiva do edifício, bem como garante um visual diferente e aderente à paisagem e ao espaço (Figura 47). Além disso apesar de ser uma edificação com vários usos, nota-se que se conseguiu produzir uma arquitetura unificada e que transparece a unidade através dos usos dos elementos, materiais, cores e revestimentos.

Figura 47 - Casa das Artes - Perspectiva externa lateral.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

O projeto teve um resultado satisfatório não só externamente, mas também internamente. A diagramação das zonas e dos ambientes se sucedeu em um conjunto de espaços único que podem ser utilizados separadamente, mas que ainda têm ligação direta com os outros. Essa característica conota em um edifício plural, seguro e unificado, que não interfere no fluxo de circulação interna e deixa livre o seu uso da melhor maneira para cada tipo de evento ou atividade.

A evolução da proposta se desenrolou de maneira sinuosa e cíclica, que apesar da descrição de constante progressão acima, foi necessário retornar várias vezes a etapas anteriores para resolver pormenores que implicariam na qualidade do projeto. O resultado obtido atendeu aos requisitos do programa de necessidades e legais estipulados no início da concepção da ideia.

ATO FINAL: O EPÍLOGO

O resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso representa o desfecho de uma proposta arquitetônica que busca definir a identidade cultural e social da cidade de São João do Sabugi, através da integração do design biofílico e do regionalismo crítico. Ao longo deste estudo, foi explorado a essência de um centro cultural e artístico que não apenas responde às necessidades funcionais da comunidade, mas que também se trabalha suas raízes culturais e a sustentabilidade.

O design biofílico, como um elemento central desta proposta, demonstrou sua capacidade única de criar espaços que promovem o bem-estar humano, conectando as pessoas com a natureza e enfatizando a importância da sustentabilidade. O regionalismo crítico, por sua vez, desempenhou um papel fundamental na definição da linguagem arquitetônica deste projeto. Permitiu o mergulho nas tradições culturais e construtivas da região, reinterpretando-as de maneira contemporânea e relevante. Ao valorizar materiais locais, técnicas de construção tradicionais e a história cultural da cidade, o projeto buscou estabelecer uma conexão sólida entre o passado e o futuro, entre o local e o global.

Ao unir o design biofílico e o regionalismo crítico, este projeto não apenas oferece um espaço multifuncional para a comunidade, mas também se torna um símbolo de identidade e resiliência. Ao integrar a natureza e a cultura, o passado e o presente, esta proposta arquitetônica anseia ser um farol de inspiração, promovendo a conscientização e o orgulho cultural entre os habitantes de São João do Sabugi.

Além disso, a proposta foi um ponto de partida para instigar a construção de espaços fundamentais para os artistas locais. Edifícios com espaços de qualidade para tais finalidades se fazem necessários na comunidade e, com a visibilidade adequada, essa pesquisa/projeto estimula tanto a população quanto a administração da cidade a cobiçar sua implantação no lugar.

Ao longo das etapas este trabalho encontrou diversos desafios referentes a sua complexidade e tamanha extensão de programa. Porém atingiu-se o objetivo de realizar uma proposta que representa a concretização de um projeto que vai além das linhas e formas da arquitetura. Nesse desenvolvimento aprendeu-se sobre a história, a cultura, a arte, novos conceitos e abordagens arquitetônicas e acadêmicas. Por fim, pode-se dizer que este trabalho cumpriu a missão de ensinar, evoluir e contribuir indiretamente para a cidade em estudo.

FECHAMENTO DAS CORTINAS: CRÉDITOS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6492:** Representação de Projetos de Arquitetura. Rio de Janeiro, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13532:** Elaboração de projetos de edificações - Arquitetura. Rio de Janeiro, 1995.

BALDWIN, Eric. **Biofilia:** trazendo a natureza para dentro de casa. Tradução: Vinicius Libardoni. Archdaily, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/935460/biofilia-trazendo-a-natureza-para-dentro-de-casa>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. E-book.

BONI, Filipe. **Interiores Sustentáveis, um guia prático para arquitetos e designers**. Ugreen, 2018.

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simos. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

FERREIRA, Kelvin. **Remanescentes: Proposta de uma igreja adventista do sétimo dia para o bairro Jardins em São Gonçalo do Amarante/RN**. Pau dos Ferros, 2023.

FRACALOSSI, Igor. **Clássicos da arquitetura:** SESC Pompéia/ Lina Bo Bardi. Archdaily, 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

FONTENELE, Sabrina. **Intervenções na cidade existente:** um estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema. Academia, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/8021895/Interven%C3%A7%C3%B5es_na_cidade_existente_um_estudo_sobre_o_Centro_Drag%C3%A3o_do_Mar_e_a_Praia_de_Iracema. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

FORTALEZA, Dicas de. Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza. Dicas de Fortaleza. Disponível em: <https://dicasdefortalezaejeri.com.br/fortaleza/centro-cultural-dragao-do-mar-em-fortaleza/>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente**: entre a memória e o patrimônio cultural. 2012. E-book. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6852/3260-9120-1-PB.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDT Planejamento. **Centro Cultural Curitiba**. Archdaily, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/882145/centro-cultural-curitiba-hardt-planejamento>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. ABNT. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-joao-do-sabugi/panorama>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MEDEIROS FILHO, João Quintino de. **Sabugy Deslembrado**. Natal: Offset, 2021.

MOREIRA, Susanna. **O que é regionalismo crítico?**. Archdaily, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/930579/o-que-e-regionalismo-critico>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

MUZA, Pedro Henrique Ferreira. **Design Biofílico**: Ampliando o Conceito de Sustentabilidade de Edificações. 2021. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias Aguiar de. **Acessibilidade espacial em centro cultural**: estudo de casos. 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

OLIVEIRA, Thais Piffano. **O regionalismo crítico em questão**: os fundamentos do conceito em Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e em Kenneth Frampton. 2019. Dissertação

(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

PAIXÃO, Luciana. **Estudo de caso SESC Pompeia de Lina Bo Bardi** – Veja como fazer! A Arquiteta. Disponível em: <https://www.aarquiteta.com.br/blog/sesc-pompeia-curiosidades-historia-e-etc/>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

Platão. **A República**. Diálogos de Platão. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. vol. 5. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001.

PROENÇA, M. G. S.; TENO, N. A. C. **Algumas aproximações**: compreendendo o conceito de identidade. 2012. v. 1, n. 3. p. 132–145. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1521>. Acesso em: 18 abril. 2023.

Revista Sim. Projetos de Sustentabilidade e Conforto. Disponível em: <https://www.revistasim.com.br/projetos-sustentabilidade-conforto/>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

SCHELLING, F.W.J. **System of Transcendental Idealism**. Tradução: Peter Heath. Charlottesville: University of Virginia Press, 2002.

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. Tradução: Bete Torii. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

VELOSO, Maísa. Entrevista à arquiteta Viviane Teles. **Revista Projetar**, volume 5, nº 2, p. (86-96), maio de 2020.

APÊNDICE A – IMAGENS REALISTAS RENDERIZADAS



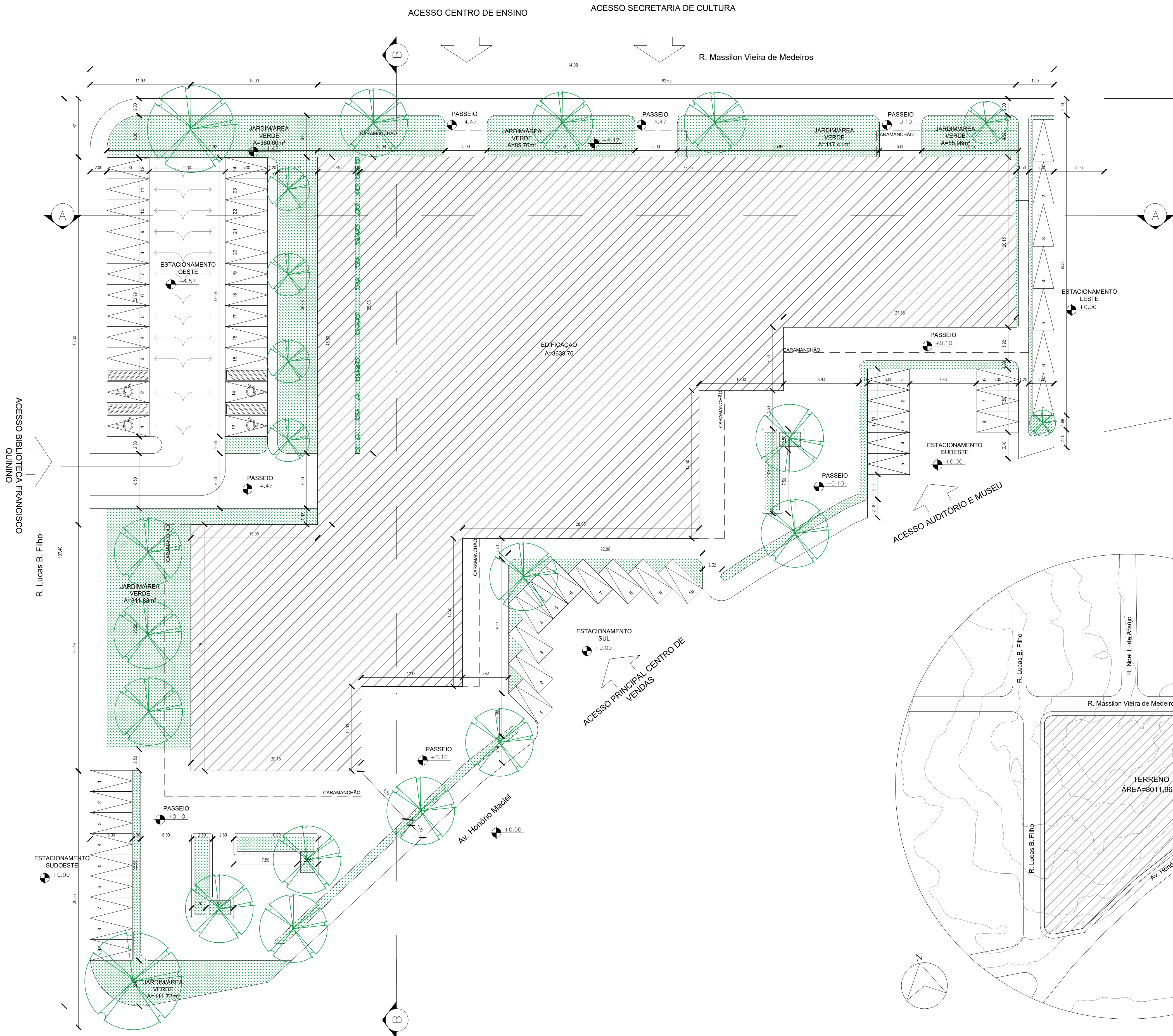




APÊNDICE B – PRANCHAS TÉCNICAS

Neste item encontram-se as pranchas com os desenhos técnicos da proposta do estudo preliminar desenvolvido, seguindo a sequência de orientação da NBR 6492 de 2021:

1. Prancha 01: Planta de situação, planta de implantação e índices urbanísticos.
2. Prancha 02 – Planta de cobertura;
3. Prancha 03 – Plantas baixas;
4. Prancha 04 – Cortes;
5. Prancha 05 – Fachadas.

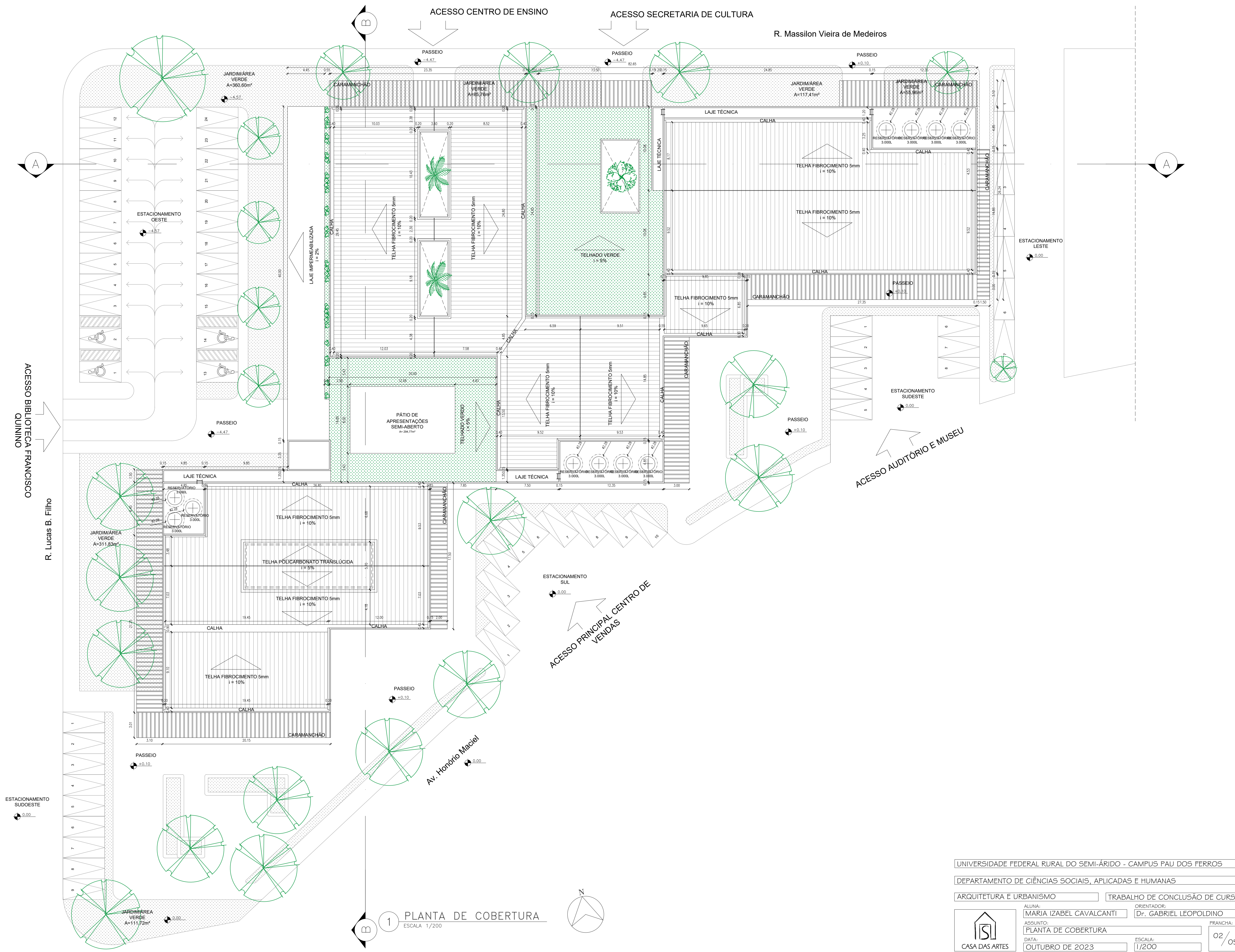


ÁREAS E ÍNDICES URBANÍSTICOS		
ÍNDICE	LEI	PROJETO
ÁREA TOTAL DO TERRENO		8011,96m ²
ÁREA CONSTRUÍDA		5496,25m ²
TAXA DE OCUPAÇÃO MÁX.	80% (6409,56m ²)	45% (3638,76m ²)
TAXA DE PERMEABILIDADE MÍN.	20% (1602,39m ²)	52,19% (4181,6m ²)
COEF. DE APROVEITAMENTO	1,0	0,69
RECUO MÍNIMO FRONTAL	4,40m	5,92m
RECUO MÍNIMO LATERAL	3,90m	9,90m
RECUO MÍNIMO POSTERIOR	3,90m	10,00m
ESTACIONAMENTO		58 VAGAS

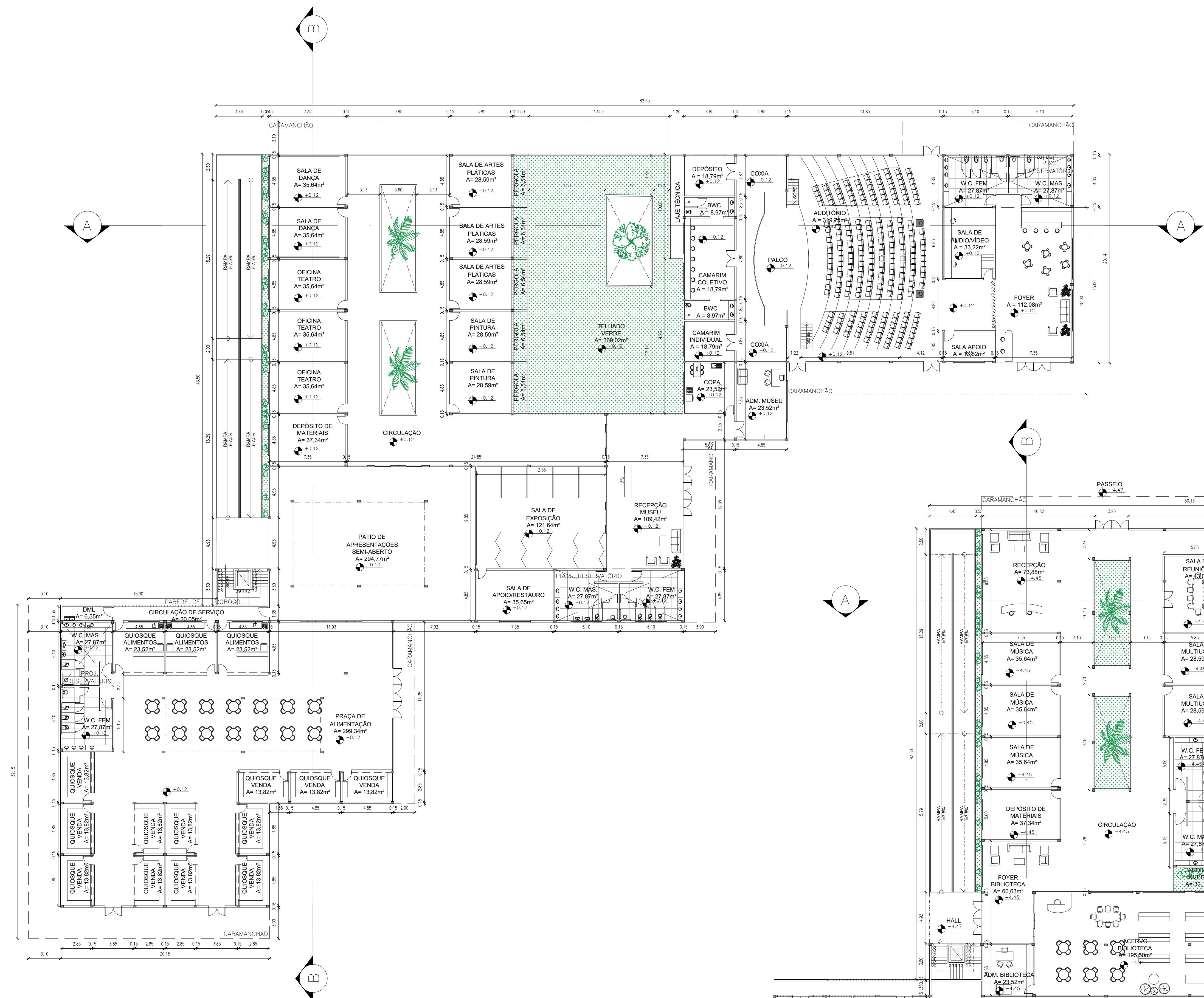


2 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1/250

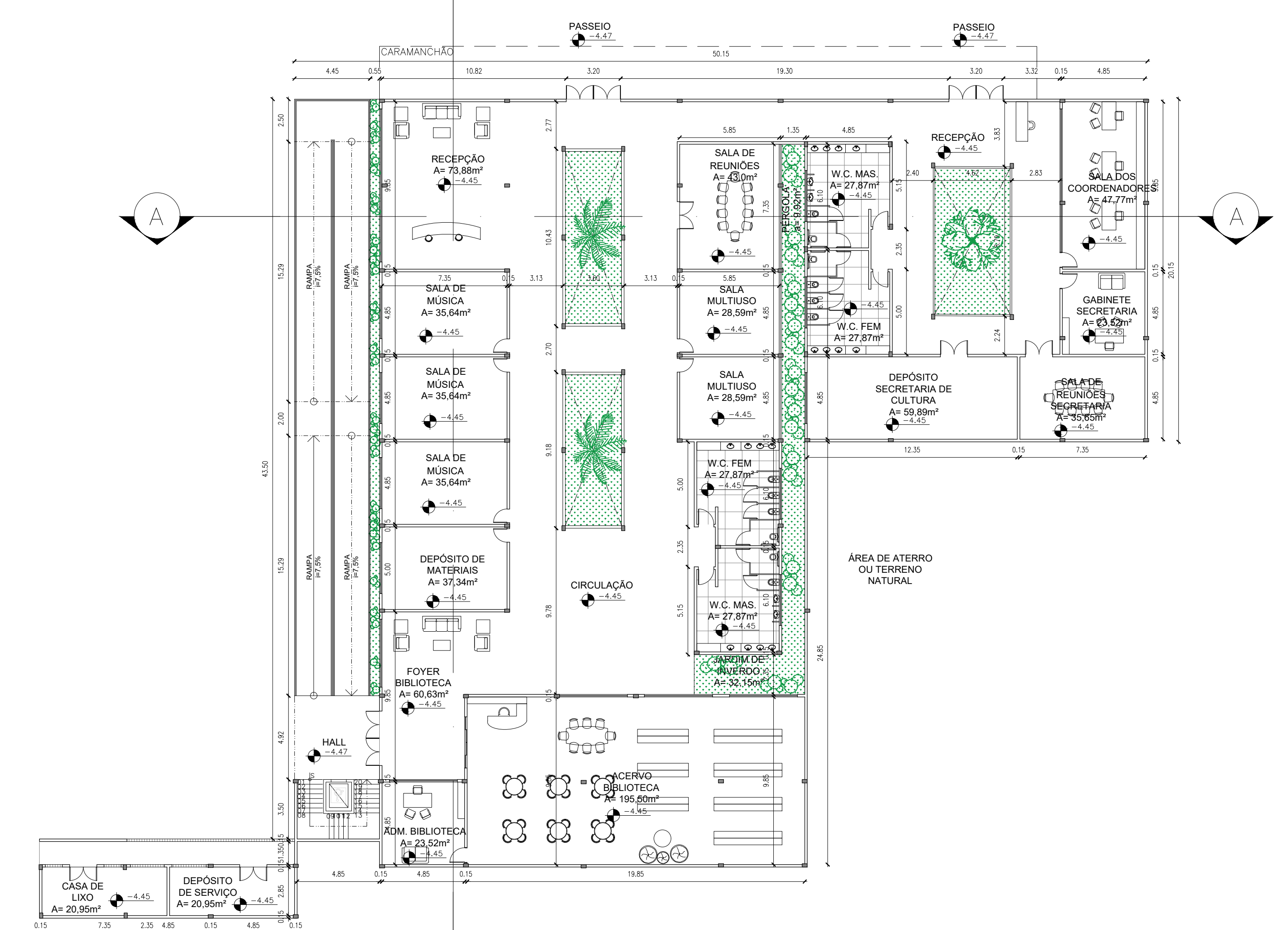
1 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1/1000



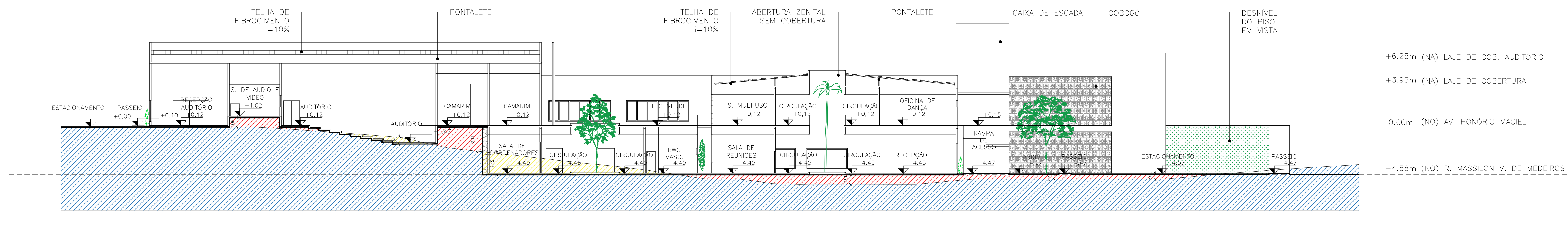
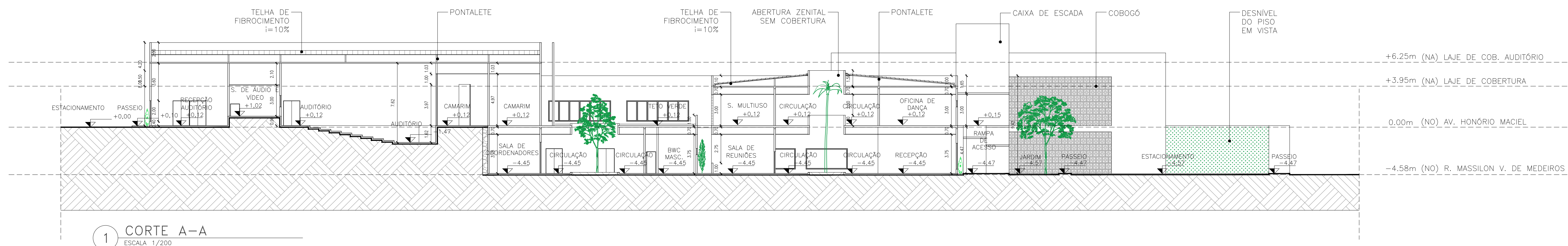
1 PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/200



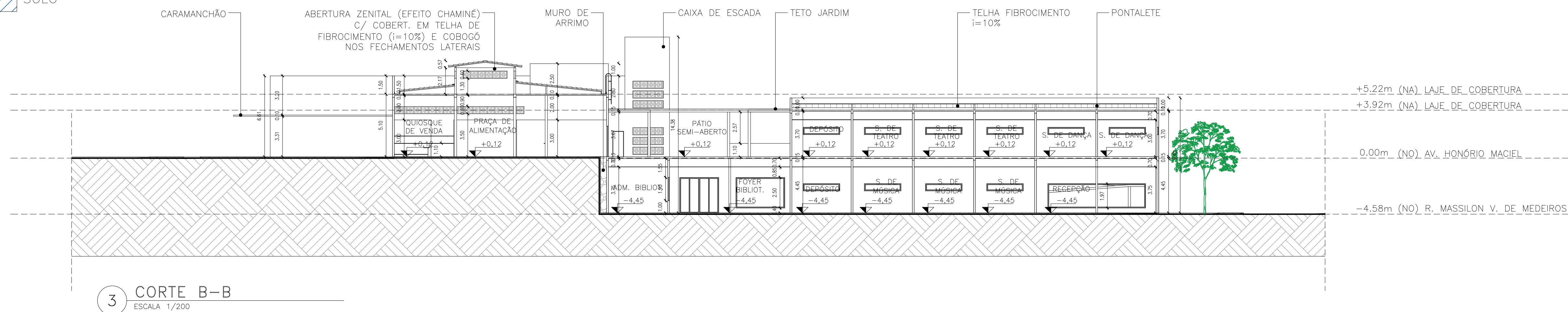
1 PLANTA BAIXA – PAVIMENTO SUPERIOR (NÍVEL 0,00m)
ESCALA 1/200

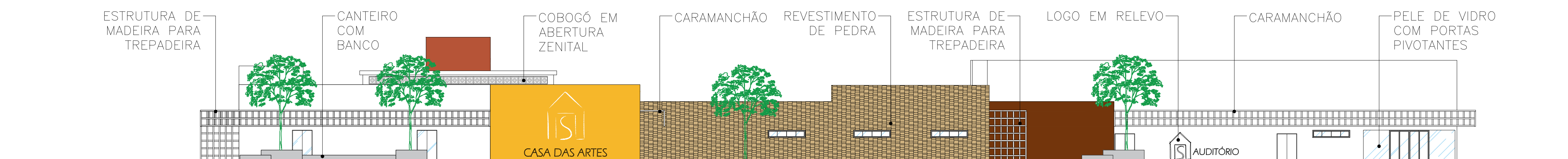


2 PLANTA BAIXA – PAVIMENTO INFERIOR (NÍVEL -4,58m)
ESCALA 1/200

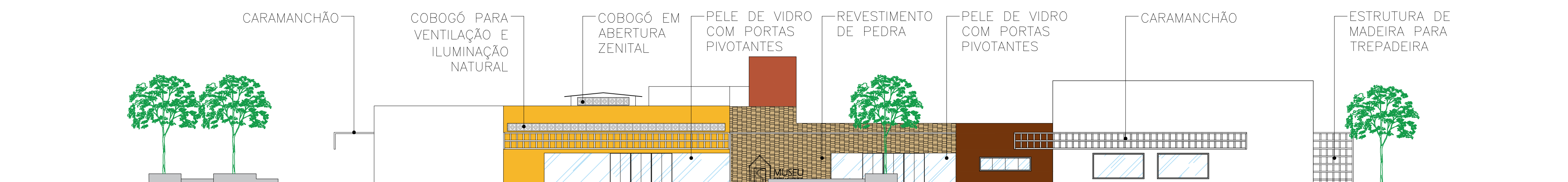


- ATERRAR
- ESCAVAR
- SOLO

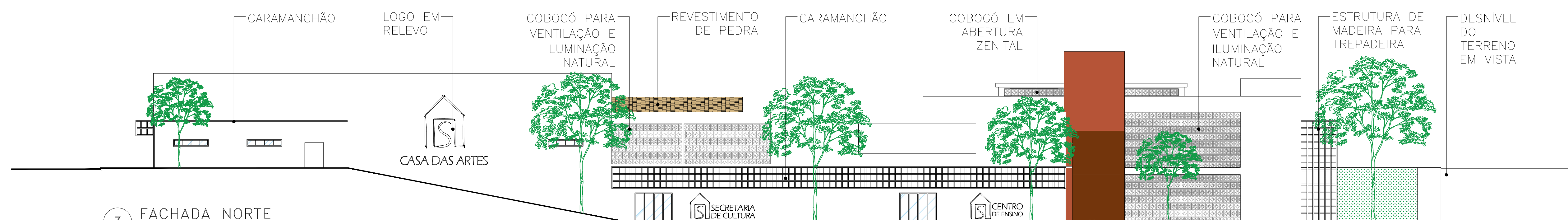




1 FACHADA SUL
ESCALA 1/200



2 FACHADA LESTE
ESCALA 1/200



3 FACHADA NORTE
ESCALA 1/200



4 FACHADA OESTE
ESCALA 1/200